

ESCOLA ATIVA

CADERNO DO EDUCADOR:

LÍNGUA PORTUGUESA



EQUIPE EDITORIAL

Armênio Bello Schimidt
Eliane Alves de Melo
Eliete Ávila Wolff
Ivanilde Oliveira de Castro
Rosimar da Silva Feitosa Soares Costa
Sisley Cíntia Lopes Rocha
Viviane Costa Moreira
Wanessa Zavareze Sechim

ASSESSORIA PEDAGÓGICA

Aurelice Lopes Queiroz
Ana Maria Morais
Angélica Maria Frazão de Souza
Elaine Maria Augusto Azevedo
Eliane Alves de Melo
Karla Giane Cruz Vighi
Maria de Fátma da Costa Saraiva
Sisley Cíntia Lopes Rocha
Viviane Costa Moreira

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO

André Carvalho & Iluminura Design

REVISÃO

Denise Goulart

APOIO



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CENTRO DE INFORMAÇÃO E BIBLIOTECA EM EDUCAÇÃO (CIBEC)

Dias, Selma Alves Passos Wanderley.

Caderno do educador : língua portuguesa / Selma Alves Passos Wanderley Dias. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

68 p. : il. -- (Programa Escola Ativa)

1. Educação no campo. 2. Língua portuguesa. 3. Programa Escola Ativa. I. Dias, Selma Alves Passos Wanderley. II. Mattos, Maria Célia Elias. III. Título. IV. Série.

ISBN: 978-85-60731-91-6

CDU 373.3(1-22)

Coordenação Geral de Educação do Campo – CGEC/SECAD/MEC

SGAS Quadra 607, Lote 50, sala 104

CEP: 70.200-670 – Brasília – DF

(61) 2022- 9011

coordenacaodocampo@mec.gov.br

ESCOLA ATIVA

Maristella Miranda Ribeiro Gondim *(in memoriam)*

Selma Alves Passos Wanderley Dias

CADERNO DO EDUCADOR:

LÍNGUA PORTUGUESA

1ª edição

Brasília – DF
2010

Apresentação

Estimado(a) professor(a),

tenho o prazer de lhe apresentar o caderno de orientação para o educador, que, espero, possa colaborar com você e seus alunos do campo como uma semente fértil que vai germinar, brotar, crescer, florescer e, junto com seus conhecimentos, interesse e boa vontade, formar novas sementes, agora, selecionadas e híbridas, e, portanto, melhores.

Apesar de ser voz corrente que o professor não lê o livro do professor ou o Caderno de Orientação, espero, confiadamente, que isso não aconteça com você, porque este caderno é parte fundamental e integrante do caderno do aluno. Sem ele, você terá somente meio caderno do aluno.

A outra meia parte, que é o seu Caderno de Orientação do Educador, apresenta aspectos teóricos e práticos (ou sugestões de atividades) que se complementam.

Além do Caderno do Educador, você precisará consultar, necessariamente, os seguintes livros:

- 1 PDE/ESCOLA ATIVA – Programa Escola Ativa. Projeto-base, Brasília: SECAD/MEC 2008, especialmente p. 27-33, cap. 6 – Elementos Estruturais da Metodologia do Programa Escola Ativa.
- 2 MEC/IBAMA. Lei dos Crimes Ambientais. Brasília, 2004.
- 3 MEC/SECAD. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília, 2006.
- 4 MEC/SECAD. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília, 2005.
- 5 Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (precisa ser atual; se de Antonio Houaiss, melhor ainda; você vai consultá-lo o ano inteiro). Porém, a escolha é do MEC, para distribuição. É seu direito. Exija.
- 6 Dicionário da Língua Portuguesa (à escolha do MEC).
- 7 Os livros e apostilas de seu curso regular e os dos cursos de atualização e reciclagem que fizer.

São 7! Número mágico! Que essa magia cubra você de bênçãos pedagógicas.

Boa sorte! Felicidades! Sucesso!

Qualquer dúvida, problema ou curiosidade, você pode entrar em contato:

Selma Alves Passos Wanderley Dias – Rua Mal. Hermes, 697/701, Bairro Gutierrez
30430-030 – Belo Horizonte/MG. Tel.: (31) 3292-4914, email: selmapwd@hotmail.com.

Conteúdos de língua portuguesa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) consideram, em seu texto, que os conteúdos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental se fundamentam nos seguintes pressupostos:

- a língua se realiza no uso, nas práticas sociais;
- os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio de ação sobre eles;
- é importante que o indivíduo possa expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possui em situações linguisticamente significativas, situações de uso de fato (PCN, Ling. Port., p. 43).

Apresentam como finalidade do ensino de Língua Portuguesa:

“a expansão das possibilidades do uso da linguagem”... cujas “capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades básicas: **falar, escutar, ler e escrever**”.

(PCN, Ling. Port., p. 43)

Apresentam, ainda, que os conteúdos de Língua Portuguesa devem ser selecionados de acordo com o desenvolvimento dessas habilidades e organizados em torno de dois eixos básicos:

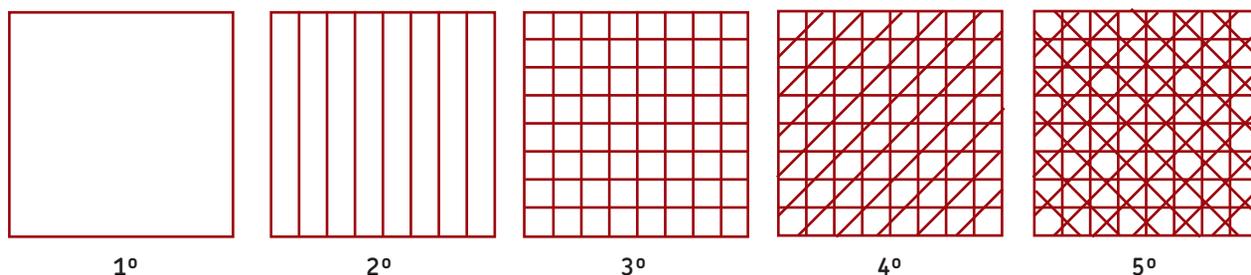
- língua oral (usos e formas); e
- língua escrita (usos e formas);
- e em função do eixo: USO – REFLEXÃO – USO.

1 • Língua oral: usos e funções

A linguagem oral, mais especificamente a habilidade de falar e ouvir, é básica para o domínio da língua escrita – leitura e produção de texto, para a análise e reflexão sobre a língua – conhecimentos linguísticos e para o desenvolvimento da consciência metalinguística, ou seja, a capacidade de pensar e falar sobre a língua.

Isto não significa, porém, que se esteja estabelecendo uma ordenação sequencial entre elas, mas que essas habilidades estão em constante e íntima integração: o desenvolvimento de uma implica necessariamente o desenvolvimento das outras, como se fosse numa rede, num tecido único.

– Vamos fazer uma representação desse tecido linguístico?



1º Delimite um quadrado de qualquer tamanho. **2º** Dentro do quadrado, faça traços verticais com a mesma altura e largura. **3º** Depois, do mesmo modo, traços horizontais sem ultrapassar os limites do quadrado. **4º** Agora é a vez dos traços inclinados para a direita, sempre iguais. **5º** Traços inclinados para a esquerda.

Viu a integração dos fios desse tecido? Vou fazer uma legenda para você:



Falar



Ouvir



Ler



Produzir textos, o que inclui escrita, ortografia e gramática, ou conhecimentos linguísticos.

Se quiser usar cores diferentes, fique à vontade. Seu tecido vai ficar mais bonito, mas não perderá a coesão. São os 4 mosqueteiros: um por todos, todos por um, inseparáveis e invencíveis.

Consequentemente, o processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é sempre integrado, uma prática sugerindo ou subsidiando outra, para revelar, usar, desenvolver, avaliar, refletir, aprofundar, sistematizar, criar e dominar as capacidades e habilidades comunicativo-interativas necessárias ao usuário da língua.

O domínio da linguagem representa para o ser humano condição indispensável para seu convívio em sociedade.

Como forma de suprir sua necessidade de comunicação e interação social, as pessoas usam de linguagens verbais (oral e/ou escrita) e não-verbais (gestos, música, choro, riso, pintura, escultura e outros). Utilizam-se de sinais, ou seja, de signos, que podem ser:

- indiciais, quando se usam índices, indícios ou pistas que mostram ou indicam a realidade – pegadas de pés ou patas na areia; poças d’água após a chuva; nuvens escuras e pesadas da água que vai chover e outros;
- icônicos, quando são usadas imagens ou ícones – representações que parecem com a realidade representada (desenhos, fotos, imagens diversas etc.);
- simbólicos, quando os sinais só têm com a realidade representada uma relação convencional, arbitrada, combinada, como, por exemplo: preto para luto (há lugares onde o luto se mostra por trajes brancos, vermelhos ou roxos); bandeira branca, pomba ou ramo de oliveira, para a paz; caveira, como sinal de perigo; as cores do semáforo (farol, sinaleira ou sinal de trânsito) e outros.

Usamos com tranquilidade a linguagem simbólica – correspondência entre sons (fones) e sinais gráficos (grafemas) –, que é uma relação combinada e inventada. Uma prova disso é que línguas diferentes usam palavras diferentes para representar a mesma realidade: CÃO, dog, cane, hund, chien; GATO, cat, chat, katz...

A prática da linguagem oral, envolvendo essas atividades, promove a socialização: desenvolve o raciocínio lógico, imaginação, o relacionamento entre ideias, a capacidade de pensar e extrair significados e a verbalização. Oferece às crianças condições para prever sequências de ação, dirigir o próprio comportamento e participar de práticas discursivas letradas.

Todas essas atividades são adequadas para os cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, o que varia é o tratamento a elas atribuído, em níveis de maior ou menor complexidade e aprofundamento.

Objetivos da língua oral (falar e ouvir, faces da mesma moeda):

- ouvir com atenção;
- compreender o sentido das mensagens orais;
- saber atribuir significados;
- identificar elementos relevantes indicadores de propósitos e intenções do autor;
- expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas estudados;
- participar de diferentes situações de comunicação oral, considerando e respeitando as opiniões alheias e os diferentes modos de falar;
- formular e responder perguntas, explicar e ouvir explicações;
- narrar histórias conhecidas;
- descrever personagens, cenários e objetos;
- adequar a linguagem a intenções e a diferentes situações comunicativas;
- seguir ordens e instruções orais;

- observar, captar e entender elementos paralinguísticos, como: olhar, entonação, postura corporal (o corpo fala e diz muita coisa), pausa, timbre (graves e agudos), silêncio, sorriso, franzir de testa ou nariz, mímica, piscadela etc.

ATIVIDADES:

Para atender aos objetivos propostos:

- participação em seminários de vários tipos para: *comentar livros lidos, *apresentar resultados de pequenas pesquisas e/ou estudos realizados, *avaliar atividades desenvolvidas, *relatar e/ou escutar relatos de experiências pessoais;
- dramatizações espontâneas;
- simulações de rádio, televisão, jornal falado;
- audição de fábulas, lendas e de histórias clássicas, modernas, fantásticas e de assombração, contadas pelo professor ou pelos colegas;
- fala ou audição de quadrinhas, poemas, parlendas, adivinhas, trava-línguas, anedotas;
- participação em debates e conversas informais ligadas a temas específicos;
- debates envolvendo ideias relacionadas aos temas transversais;
- emissão de opiniões pessoais, julgamentos ou comentários;
- planejamento de atividades diversas;
- participação em teatro de fantoches, de marionetes ou peças infantis;
- saudações e instruções;
- argumentação e análise de argumentos alheios;
- relato de fatos verídicos;
- apreciação de programas de rádio e de televisão;
- comentários sobre notícias veiculadas por periódicos ou outros meios de comunicação;
- discussão de diferentes pontos de vista;
- relatórios (excursão, p.ex.) e painéis;
- apreciação de materiais literários;
- análise e julgamento de anúncios, propagandas e publicidade;
- realização de entrevistas;
- apresentação de histórias imaginadas, inventadas;
- participação em jogos de linguagem e em pequenas peças de teatro;

- conversas decorrentes de excursões, observações, construções;
- envolvimento em atividades de livre expressão;
- transmissão de recados e notícias;
- troca de ideias sobre temas diversos;
- atendimento a instruções orais de jogos e brincadeiras;
- participação em “Hora de Histórias”, “Roda de Notícias”, comunicações diversas;
- debates em torno de ideias não expressas, porém, implícitas em comunicações orais;
- discussões sobre indicadores de conteúdos discriminatórios identificados em atos linguísticos orais e que revelam comportamentos baseados em ideologias e preconceitos, como: apelidos depreciativos, rejeição, atribuição de rótulos etc.;
- construção de material didático-pedagógico que contemple a diversidade étnico-racial na escola;
- análise e postura crítica diante de mensagens persuasivas, veiculadas pela mídia, com o objetivo de identificar propaganda enganosa;
- outras, especialmente para o professor, estudo da Lei Educação e Direitos Humanos nº 10.639/2003 ou de outras que a sucedam, complementem ou substituam;
- ver outras sugestões de atividades específicas nos livros: 1- Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais, Brasília, MEC/SECAD, 2006; 2- Referencial curricular nacional para as escolas indígenas, MEC/SECAD/DESC, Brasília, 2005. Obs.: consultar esses livros para todos os conteúdos.

OUVIR E FALAR

As atividades de linguagem oral são, em geral, muito descuidadas na escola, pelo professor preocupado com prazos, com as diferentes áreas temáticas e conteúdos de linguagens e códigos que acha indispensáveis, além da burocracia. Não deixe que isso aconteça em sua classe.

Você pode e deve usar atividades como conversas:

- relatar fatos vividos na vida escolar, passeios e viagens, festas e acontecimentos da vida familiar, locais e regionais;
- ouvir poemas, parlendas, músicas, discos, histórias lidas ou contadas pelo professor e/ou colegas, cartas, mensagens, avisos, notícias;
- comentar oralmente o que foi ouvido;
- participar de brincadeiras de perguntas e respostas, adivinhações, trava-línguas, jogos;
- seguir instruções orais;
- transmitir recados, notícias e avisos;

- realizar atividades de livre expressão (desenho, pintura, modelagem, recorte, colagem, montagem) e fazer comentários sobre os trabalhos realizados;
- contar histórias, casos, anedotas, cantar;
- conversar, trocar ideias, comentar fatos, histórias ou notícias;
- participar de coro falado, jornal falado, auditórios, representações;
- diversas leituras dramatizadas, diálogos, júri simulado, artigos de opinião, reportagens, fichas informativas;
- ler em voz alta textos diversos com expressão, pontuação, entonação, ritmo adequados;
- representar cenas diversas (mímica, dramatização, teatro, fantoche, boneco);
- fazer resumos orais de histórias, notícias, filmes, novelas, programas de televisão;
- interpretar gravuras, ilustrações, histórias em quadrinhos, desenhos, charges, propagandas;
- opinar sobre textos lidos, fatos acontecidos;
- planejar uma atividade a ser desenvolvida: trabalho, teatro, excursão, apresentação, exposição, oficina;
- debater um tema polêmico surgido na classe;
- discutir diferentes versões de uma mesma história ou de um acontecimento atual;
- discutir resultados ou conclusões encontradas numa experiência ou pesquisa;
- escolher uma narrativa e mudar de código: passe-a para a forma de história em quadrinhos. Seus alunos precisam conhecer algumas peculiaridades da HC. Não diga a eles: faça com que descubram observando, analisando, comparando e discutindo, em grupo e com você, o conteúdo e a formatação de inúmeras revistinhas;
- promover a leitura e comentários de diversos livros de imagens. São narrativas criadas pelo sequenciamento das imagens, num espaço-tempo em que agem e “falam” os personagens expressos por formas, cores e até texturas, ricas de improvisação e criatividade ao mesclar conotação e denotação;
- arranjar várias gravuras de enfeite e ilustração de algum conteúdo temático; de narração de parte de um acontecimento; de narração do fato completo com todos os elementos presentes, coloridas ou não, maiores, menores e também pinturas e fotos. Leve-as para a sala de aula, exponha-as; de acordo com os alunos, escolha algumas e separe; desse conjunto, o aluno escolhe uma para descrever, narrar ou dissertar oralmente ou por escrito. Em outra atividade, o aluno poderá só dissertar, só narrar ou só descrever, poderá escolher e executar duas dessas composições ou mesmo três. Poderá, ainda, fazer o mesmo, porém, com uma gravura, pintura ou foto escolhida e que será o tema; o aluno descreve, narra e disserta;

- ler em capítulos para seus alunos o livro de Daniel Defoe, *As Aventuras de Robinson Crusóé*, por exemplo.

Há muitos livros que se prestam à leitura em capítulos. É uma excelente atividade ler um capítulo por dia, ao final da aula (o professor deve treinar essa leitura em casa para melhor apresentação do texto). Deve também ser uma hora de arte, de prazer, de ouvir para apreciar, gostar, sentir, sem exercícios ou obrigações.

Leia em capítulos para seus alunos livros como: *As aventuras de Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe (Melhoramentos); *A ilha perdida e outros*, de Maria José Dupré (Ática); *Cazuza*, de Viriato Corrêa (Ed. Nacional); *Memórias de Emília, Caçadas de Pedrinho e outros*, de Monteiro Lobato (Brasiliense); *O menino grapiúna*, de Jorge Amado (Record); *Indez e outros*, de Bartolomeu Campos Queiroz (Miguilim); *Minha vida de menina*, de Helena Morley (Cia. das Letras); *A vingança do timão*, de Carlos Morais (Quinteto); *O gênio do crime e outros*, de João Carlos Marinho (Global); *Alexandre e outros heróis*, de Graciliano Ramos (José Olímpio). Para crianças menores: *Os bichos que tive e outros*, de Sylvia Orthoff (Salamandra); *Bisa Bia Bisa Bel e outros*, de Ana Maria Machado (Salamandra); *Histórias da Velha Totonha*, de José Lins do Rego (José Olímpio); *Memórias de um cabo de vassoura, Confissões de um viralata e outros*, de Orígenes Lessa (Ediouro) etc.

Sugestões

- GRAVURAS

Há vários tipos de gravuras e o modo de trabalhar com elas é diferente.

1º TIPO: gravuras de sentido completo: o fato ou acontecimento está todo contado na gravura: tem princípio, meio e fim e essa organização de seus elementos só permite uma única leitura, sem tirar ou acrescentar nada, porque essas gravuras apresentam todos os elementos dentro da mesma cena.

Fazer a exploração de uma gravura ou mesmo de várias gravuras bem diferentes (uma de cada vez). Para não cansar ou sobrecarregar os alunos, eles devem escolher uma gravura sobre a qual irão fazer o registro escrito. Esse registro pode ser apenas um título ou um comentário que indique o tema, uma impressão ou conclusão pessoal, até mesmo um desenho, uma pantomima ou qualquer outra mudança de código.

A leitura dessas gravuras visa desenvolver a capacidade de observação, a identificação de elementos presentes, de pormenores e a organização lógica do pensamento pelo relacionamento adequado, coeso e coerente desses elementos.

COMO PROVOCAR A LEITURA DE GRAVURA

Você encontrará a seguir algumas sugestões de abordagens passíveis de eliciar construções, reelaborações e reconstruções do aluno.

Exemplos: *observação da gravura; *distinção entre seus componentes (enumerar

elementos); *ordenação desses elementos em: a) primários – os mais importantes; b) secundários – que formam o entorno; *relacionamento desses elementos entre si; *seleção e integração dos elementos indicadores de tempo, lugar, situação geográfica, histórica, social (talvez política, religiosa) e quaisquer outras informações que se possam inferir pelo desenho, caracterizando os personagens e suas circunstâncias. Na verdade, uma gravura possibilita a exploração de diferentes aspectos, relacionando horizontal e verticalmente os conteúdos curriculares; *registro oral e/ou por escrito dessa leitura; *criar oportunidades para organização e combinação de legendas com gravuras; seriação de gravuras para formar histórias; leitura de gravuras de sentido completo.

Existem, ainda, outros tipos de gravuras: as de sentido incompleto ou de **2º TIPO**, cujo conteúdo refere-se a uma parte de um evento qualquer. Permite uma leitura referencial do que está sendo mostrado e convida a inovar, a imaginar e a recriar o não gravado ou visível. Tira os limites, liberta o escritor que se apoia em algo visto e parte para novos horizontes. Exigem-se aspectos de coerência, de inteligência e criatividade nas ligações estabelecidas.

Um **3º TIPO** de gravura é o das mais ilustrativas, denotativas em relação a textos e contextos lidos ou explicados. Fala-se de uma flor e apresenta-se uma gravura de flor para esclarecer; citam-se margarida, rosa, cravo, jasmim e, quase como uma legenda ou rótulo, mostram-se as gravuras dessas flores. São fotos, desenhos, ilustrações isoladas, bem focalizadas, partes de flor, construções, acidentes geográficos, móveis, utensílios, animais de diversos tipos, praticamente todas as coisas representadas.

Um **4º TIPO** de gravura seria uma classificação quanto ao uso decorativo e que poderia incluir, intencionalmente, por sua beleza, qualquer dos tipos anteriores e especificamente gravuras, aqui entendidas como composições artísticas reproduzidas sob diversas técnicas de construção: gravura em metal, em pedra, xilogravura, técnica mista, quadros a óleo sobre tela, acrílica, guache, aguada, crayon, bico de pena e outros.

- **EXCURSÕES**

As excursões contribuem efetivamente para o desenvolvimento da linguagem oral, pois favorecem a socialização e a troca de experiências. Promovem a aquisição de conhecimentos, o enriquecimento de ideias e a oportunidade para conversas e debates.

Uma atividade de excursão, para ser produtiva, deve acontecer em três momentos distintos:

- **Planejamento:** objetivo da excursão; definição do local, data e horário; decisão quanto a transporte, acompanhantes e identificação dos alunos com crachás; produção de cartas e/ou bilhetes para: solicitar autorização; fazer convites e/ou comunicações; confirmar datas; definição de itens de observação; levantamento de questões (o que sabemos, o que queremos saber, como vamos descobrir etc.).
- **Execução:** observação, no local, dos aspectos definidos; anotações, coleta de material e/ou dados, se for o caso; gravações, fotos, amostras, se possível.

- **Avaliação:** relatórios orais e/ou escritos (reportagens para o jornal falado ou para o jornal da classe); discussões, debates e/ou seminários sobre as observações feitas e o material coletado; confecção de cartazes, álbuns, murais e outros; cartas de agradecimento.

AVALIAÇÃO EM LINGUAGEM ORAL

A avaliação em linguagem oral objetiva:

- verificar o desenvolvimento linguístico do aluno;
- localizar dificuldades em aspectos determinados;
- programar atividades de linguagem oral a partir da identificação de dificuldades ou problemas.

Constantemente, o professor deve realizar atividades de avaliação da linguagem oral, quais sejam:

- observar, sempre, as realizações orais formais e, principalmente, as informais da criança;
- anotar essas observações relativas aos alunos sem se preocupar com a necessidade de anotação para cada aluno, porque são informais: vão surgindo à medida que acontecem;
- gravar, se possível, conversas, discussões, jornal falado, entrevistas, relatos diversos e apresentá-los para comentários dos alunos (você vai ver como isso é interessante, surpreendente e produtivo).

Na avaliação da linguagem oral, o professor deve:

- utilizar com cuidado os conceitos de certo e errado, como adequados ou inadequados aos atos da fala em relação:
- ao usuário (falante) variação dialetal (variante de língua do aluno: caipira, urbano, mineiro, carioca...);
- ao uso (a fala adequada ao ouvinte e à situação de comunicação) variação de registro (formal, informal, coloquial...);
- ser naturalmente um modelo do dialeto padrão (sem afetação ou imposição substitutiva);
- acompanhar atentamente as atividades normais, informais, não programadas (as atividades formais programadas para avaliação de linguagem oral geralmente não oferecem resultados confiáveis).

Nesse gráfico sobre ouvir e falar você pode detalhar bastante os indicadores das competências para o aluno considerar e preencher. Por discriminar as etapas de um comportamento, tem função diagnóstica. É também uma ficha de autoavaliação.

SOU ANA! QUE BOM!
TERMINAMOS NOSSO
ESTUDO. SERÁ QUE
APRENDI
ALGUMA COISA?



MUITO BEM!
E NÃO É QUE DÁ
ATÉ PARA FAZER
UM PERFIL!
SÓ QUERO VER!



VAMOS VERIFICAR?
TENHO UMA IDEIA!
É SÓ IR
DIZENDO O QUE
SABEMOS OU NÃO,
E MARCAR
NA FOLHA.



SEI...

O quê ↓	Em que grau →	Muito bem! Com certeza!	Quase tudo	Só um pouco, mas estou me esforçando	Xi... Acho que faltei à aula.
SEI OUVIR, PORQUE: PRESTO ATENÇÃO EM QUEM FALA.					
NÃO INTERROMPO.					
PROCURO ENTENDER O QUE O OUTRO DIZ.					
COMPARO COM O QUE SEI, JÁ VI, LI ETC.					
PENSO TAMBÉM SOBRE: OS PORQUÊS, QUAIS AS INTENÇÕES DE QUEM FALA, O QUE ELE QUER.					
QUAL A FINALIDADE DO QUE ESTÁ SENDO DITO.					
O MODO COMO SE FALOU.					
FINALMENTE, REAJO E ORGANIZO MINHA RESPOSTA.					

Você notou que pode organizar gráficos como esse para diferentes momentos e conteúdos do ensino-aprendizagem e que alunos e professor devem listar juntos?

Diversidade linguística

Ao entrar para a escola, a criança já traz consigo um repertório linguístico considerável, adquirido na família e na comunidade onde vive. Essa linguagem é legítima, tem o mesmo valor que outras variantes, devendo, portanto, ser respeitada e nunca discriminada ou rejeitada.

Na escola, ela convive com traços linguísticos distintos, ou seja, num ambiente bidialetal. As crianças e, muitas vezes, o próprio professor são usuários de uma variante específica do seu grupo social. Por outro lado, outros professores, especialistas e materiais didáticos adotam a variante padrão – a escola.

Há, assim, uma alternância no uso de variantes, o que é altamente positivo, pois os eventos de oralidade tornam-se espontâneos, efetivos e destituídos de qualquer tipo de discriminação.

Com essa prática, os alunos começam a fazer distinção entre as diferentes modalidades linguísticas e a adquirir o padrão culto, desenvolvendo, mesmo inconscientemente, concepções de adequação ou não no uso dessas variantes. Você já notou como os alunos do campo – Ana, Antonia, Raimundo e Francisco – são diferentes fisicamente? Também nos seus falares.

Todas as línguas e suas variantes linguísticas são igualmente boas e adequadas à comunicação de seus ouvintes-falantes-criadores. Nunca fáceis ou difíceis, melhores ou piores.

- A mesma língua varia historicamente (tempo), geograficamente (espaço), socialmente (cultura) e pessoalmente (estilo). A língua, por causa de seus falantes (modificadores ou inventores), é viva e em processo, sujeita a mudanças fonéticas, fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e estilísticas.
- As variantes de uma língua podem ser dialetais (em relação aos usuários) e de registro (em relação ao uso).
- Algumas variantes ou modalidades de língua têm mais prestígio na sociedade. Dentre elas, uma é eleita como variante culta ou língua padrão, objeto de apresentação e divulgação pela escola.
- O dialeto do aluno pode ser mais ou menos próximo da variante escolar ou padrão culto. Cabe ao professor ser modelo da língua padrão e apresentá-la não como substituta certa ou correta de uma modalidade indesejável ou errada, mas como mais uma possibilidade expressiva que vai conviver com outras, a ser escolhida para utilização no momento, lugar, situação, contexto e destinatários adequados ao seu emprego. Como um traje, uma roupa (short, camiseta, jeans, seda, veludo, maiô, capote, tricô de linha etc.) escolhida e usada conforme a importância e a necessidade exigidas pelo tempo, pelas pessoas, pelo ambiente e por outras circunstâncias determinantes da adequação. Com a língua não é diferente: certo ou errado não tem sentido absoluto, mas sim relativo à sua adequação ou inadequação.
- A variante dialetal do aluno, respeitada, nunca rejeitada, depreciada ou estigmatizada é aceita naturalmente como uma variante possível e até funcional, mas apresenta-se continuamente a outra, a variante culta, que aos poucos será aprendida e selecionada para o uso no momento e na situação a ela referenciada.

ATIVIDADES PARA AQUISIÇÃO DA VARIANTE CULTA

Essa variante é adquirida:

- com o professor-modelo, em atividades lúdicas, construtivas, pragmáticas ou de uso;
- por leituras expressivas, feitas pelo professor, de textos bem estruturados na variante padrão (uma história em capítulos, por exemplo);
- pela produção comparativa de vários tipos de texto (descrição, narração, dissertação) ou de textos em determinadas variantes linguísticas e situações correspondentes;
- por anedotas ou casos engraçados, pela inadequação entre as variantes usadas entre ouvinte/falante, emissor/receptor;
- pela leitura de quadrinhos apresentados com os balões em uma variante, seguidos da mesma história com os balões vazios a serem preenchidos pela variante padrão. O aluno, aos poucos, vai se aproximando de mais uma modalidade de língua a ser usada;
- escrita de cartas sobre o mesmo assunto, dirigidas a pessoas diferentes: diretor, professor, aluno, amigo, parente, autoridade constituída, pessoas próximas e distantes, conhecidas e desconhecidas.

A variante que o aluno domina e usa no seu meio sociocultural exigiu tempo e ações próprias ao seu aprendizado; também a variante escolar vai demandar atenção, tempo e esforço.

TEXTOS DESCRITIVOS

O texto descritivo é uma representação verbal (falada ou escrita) que indica os aspectos mais individualizadores e distintos de um objeto de descrição, de tal modo que o leitor ou o ouvinte possam distingui-lo de outros semelhantes.

Do ponto de vista mental ou psicológico, a descrição pode ser subjetiva ou objetiva.

A descrição subjetiva é rica de conotações – reflete o estado de espírito do autor, suas opiniões e preferências, sua visão peculiar do mundo.

A descrição objetiva é realista, informativa, isenta, denotativa – apresenta o objetivo da descrição em seus pormenores, que não se perdem ou se misturam; destacam-se nitidamente, como, por exemplo, numa descrição técnica ou científica.

É uma enumeração, uma sequência de aspectos, de características de quaisquer seres (personagens, animais, coisas, objetos, lugares, cenários, circunstâncias etc., reais ou não).

Num texto descritivo, não precisam ser listados todos os detalhes do objeto. Uma descrição assim pormenorizada é mais um defeito do que uma qualidade.

A característica principal de um texto descritivo é a simultaneidade, tudo acontece ou se apresenta ao mesmo tempo. Um elemento não é mais importante do que outro, pois não há hierarquia. Exemplo:

“Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. O trânsito caminha lento e nervoso. Eis São Paulo às sete da noite”.

(PLATÃO & FIORIN, 1994)

Modificando a ordem das ideias da descrição:

“Eis São Paulo às sete da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas”.

Geralmente, o texto descritivo é registrado numa linguagem que tem a lógica da enumeração, separada por vírgulas ou frases nominais (independentes, coordenadas). Essa linguagem reforça a descrição, pois conduz o olhar do leitor para os elementos que a compõem, favorecendo a percepção e a apreensão desses elementos. Os textos descritivos são um verdadeiro “retrato” com palavras. Dificilmente aparecem isolados, pois podem fazer parte de um texto maior, de uma narrativa, por exemplo.

TEXTO INFORMATIVO

O texto informativo é aquele no qual predomina a função referencial, uma vez que sempre se refere a determinado assunto.

Distingue-se de outros tipos de texto por apresentar características que lhe são peculiares, ou seja:

- **informalidade** → faz conhecer o mundo real, apresenta informações precisas sobre determinado assunto;
- **objetividade** → ocupa-se apenas do objeto, assunto do texto;
- **formalidade** → usa o padrão culto da língua;
- **impessoalidade** → não apresenta qualquer sinal de aproximação com o leitor;
- **racionalidade** → apresenta estrutura demonstrativa, usando, se necessário, números, estatísticas, termos técnicos, gráficos e outras visualizações;
- **utilidade e instrumentalidade** → atende à necessidade de conhecimento específico sobre determinado assunto.

O texto informativo usa a língua portuguesa na sua variante padrão formal, preferencialmente no sentido denotativo, para evitar interpretações dúbias por parte do leitor. Objetiva principalmente esclarecer, explicar, e dirige-se a um público possivelmente interessado no tema.

TEXTO NARRATIVO

Há muitas maneiras de se contar uma história ou um caso e a narrativa é uma delas. Esse tipo de texto pode se apresentar sob a forma de fábula, conto, crônica, anedota, novela, romance, lenda, apólogo e outras.

Na narração, os fatos se encadeiam, são dependentes uns dos outros. Eles se desenrolam no tempo, no espaço e em torno das personagens.

A ordem da narração é, portanto, muito importante, pois obedece a uma sequência temporal, ou seja, princípio, meio e fim. Essa ordem, no entanto, pode ser alterada, pois depende do efeito que o autor pretende conseguir.

São elementos da narração:

- **narrador** → quem conta a história;
- **personagem** → seres fictícios que vivem os fatos;
- **enredo** → encadeamento dos fatos;
- **lugar (espaço)** → onde acontecem os fatos narrados;
- **tempo** → o momento em que os atos são contados;
- **trama** → a urdidura, a tessitura, a arquitetura do texto, incluindo:
 - . conflito: confronto, dificuldade, problema pelo qual o herói passa ou deverá passar;
 - . clímax: momento decisivo do conflito, ponto de maior tensão;
 - . desfecho: a resolução do conflito, o final, a conclusão da narrativa.

ARTIGO DE OPINIÃO — COMO ESCREVER:

Introdução: apresentação do tema, sem entrar em grandes detalhes (aproximadamente 3 linhas).

Desenvolvimento: apresentação detalhada do tema; apresentação de uma proposta; apresentação de argumentos que defendam essa proposta e mostrem a opinião do redator, em casos de concordância ou discordância ou tomada de posições (aproximadamente 10 linhas).

Conclusão: síntese do desenvolvimento e apresentação de conclusão, mostrando claramente a opinião pessoal acerca do tema (aproximadamente 4 linhas).

A partir dessa estrutura, sabendo o tema e tendo uma opinião definida, é só pegar papel, lápis ou caneta e... mãos à obra.

O artigo de opinião é quase uma dissertação. A diferença é que, na dissertação, a conclusão tem de retornar à introdução ou tema, retomar o problema, justificando sua importância e pertinência, fechando o círculo iniciado com o tema, desenvolvido com argumentos dele derivados e relacionados e terminando com o tema esclarecido e justificado com uma observação final. Também jamais se escreve na primeira pessoa, é preciso apresentar argumentos básicos e auxiliares, nunca uma opinião. Apresenta fatos, exemplos, o texto é denotativo, formal, científico. Requer reflexão: analisa, interpreta e explica dados da realidade. Ordena e expõe determinado assunto.

TEXTOS LITERÁRIOS E POÉTICOS

“A leitura fantástica e poética é antes de tudo e indissolúvelmente fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos faz exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa recriação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem”.

(HELD, 1984, P. 207)

O TEXTO LITERÁRIO É A ARTE PELA PALAVRA!

É aquele que, além de seu sentido, possui um significado, onde são encontradas diferentes e insuspeitadas interpretações, permitidas por sua linguagem conotativa. Esta sugere sempre outros significados, ligados a novas experiências, a novos acontecimentos, a descobertas e intenções. É a amplitude das conotações que permite saltos temporais e espaciais. Assim, os leitores do século XX de Romeu e Julieta, peça teatral de Shakespeare, escrita no século XVI, apreciam-na e se emocionam ainda com o texto literário. E fazem-no da mesma forma, porque o belo e a emoção estética permanecem, mesmo que sejam outros os tempos, os costumes, os desejos e as experiências, enquanto o homem for essencialmente humano.

Na literatura, ao contrário da linguística, os significantes é que mudam: os significados permanecem os mesmos. A emoção estética é a mesma, no século XVI, no século XX ou XXI...

O texto literário é, pois, aquele que se concebe e se relê. E essa releitura sempre será diferente, descortinando novos significados até surpreendentes. É o caráter aberto da obra de arte literária multiplicando suas leituras e aumentando o prazer estético.

Uma releitura sempre terá diversificadas interpretações porque o leitor não é a mesma pessoa, tem outra história, vivenciou outras experiências. Essa magia deve-se à chamada opacidade do signo que não se desvela totalmente. Mostra algo... Sombras, penumbras, vultos, sugestões ambíguas, esparsas como nuvens intocáveis que se esgarçam e se transformam pelas conotações.

Além dessa característica da linguagem conotativa, na literatura, há um outro aspecto importante a considerar: a função poética. A função poética, embora predominante, não se

restringe à poesia. Surge, por exemplo, quando escolhemos uma palavra dentre outras com o mesmo significado, ou fazemos frases ou expressões de efeito para slogans, campanhas, propagandas, nomes de lojas, camisetas, jogos de palavras, sempre procurando uma reinterpretação elaborada do texto, colorida de matizes expressivos, ou preferimos Ana Carolina a Carolina Ana.

Como você percebeu, o principal campo de atuação de emprego da função poética é a literatura, pela busca do melhor arranjo, do lúdico, da melodia, do ritmo, do brinquedo com as próprias palavras, com o jogo imaginativo e criador de analogias, de contrastes e de formas na geração de comunicações artísticas.

O leitor, na busca do significado, vai ter de descobrir esses recursos no uso da função poética pelo autor, perseguindo o encontro da perfeição da forma. Claro que conteúdo e forma não se separam na literatura; são cúmplices, mas o que o autor quer dizer será dito melhor se considerar, na busca da forma artística, o como dizer.

Sendo assim, com o leitor mais exigido como coautor, a literatura cumpre importante papel na sua formação e desenvolvimento.

POESIA

A poesia retrata o sonho, o imaginário. Ouvir ou ler poemas é envolver-se com a ludicidade verbal, com a sonoridade musical das palavras; é vivenciar a emoção, o amor, a saudade, a simplicidade, a beleza, o inusitado.

Para Cunha (1997), a criança tem uma tendência natural para a poesia, pois o mundo infantil é cheio de imagens, de fantasia e de sensibilidade.

As atividades envolvendo poemas devem ser desenvolvidas de maneira lúdica, agradável, voltadas para a apreciação, para uma interpretação livre, pessoal e criativa. A poesia é para ser sentida, mais que ser compreendida.

A seleção das poesias pode ser feita pelo professor e também pelas crianças. Devem ser lidas e apreciadas em momentos programados para essa atividade, num clima de emoção e de pura beleza, sem nenhuma obrigatoriedade, só sentir e apreciar: é tudo!

O texto poético, o poema, definitivamente, por ser conotativo, não serve para exercitar ou ensinar gramática.

TEXTOS DE COMUNICAÇÃO MISTA

Como o próprio nome já antecipa, os textos de comunicação mista conjugam imagem e símbolo, linguagem verbal e não-verbal, palavra e imagem: quadrinhos, logotipos, logomarcas, composição musical, outdoors, anúncios ilustrados, gravuras legendadas, filmes, propagandas, charges, cartas enigmáticas, cartazes, reclames, textos publicitários, folders e outros. Em todos eles, permanecem interagindo a ilustração e o texto escrito.

A produção de um texto de comunicação mista sempre requer a combinação e a presença de criatividade, arte, inspiração, intertextualidade, recriação, imagem e talento, pois esse tipo de texto tem que causar impacto, atingir o leitor (recebedor), provocando uma reação afetiva, intelectual e comportamental.

Pode vir impregnado de humor, de suspense, de indignação, de decisão. Assim, a combinação de seus elementos, cores, imagens, textos e texturas tem que ser organizada de tal forma que produza aquele efeito que representa a intenção de seu produtor.

Infelizmente, a escola não tem dado a esse tipo de texto a devida atenção nem considerado a sua importância, e nem mesmo a existência e a influência na vida diária das pessoas que têm recebido essas mensagens de modo acrítico, irrefletido e irresponsável.

Cantinho de Aprendizagem

Formar, no Cantinho de Aprendizagem, um cantinho de livros ou biblioteca da classe com livros:

- de todo tipo: de imagens, histórias, poemas, contos, finos, grossos, de formas diferentes, com e sem ilustração;
- de literatura de qualidade – obra ficcional de arte pela palavra. Ficção quer dizer: fantasia, imaginário, fantástico, significação diferente para diferentes pessoas, ou seja, linguagem conotativa;
- fichas informativas organizadas pelos alunos e professor e arquivadas por assunto ou em ordem alfabética;
- outros materiais: revistas em quadrinhos, outras revistas de interesse, jornais, artigos, reportagens, cruzadinhas, passatempos, jornais infantis, livros de receitas e álbuns são materiais que devem fazer parte do acervo de uma biblioteca de classe.

ATIVIDADES COM OS LIVROS NA BIBLIOTECA DA CLASSE OU CANTINHO DOS LIVROS

Cuidado principal → liberdade: os alunos devem ter liberdade para escolher o livro, trocar o livro, interromper a leitura, gostar ou não do livro e poder dizer isso.

Outros cuidados → as atividades devem ser espontâneas, naturais, interessantes, variadas, prazerosas, gostosas.

As atividades de avaliação devem ser **informais** (conversas, troca de ideias, comentários), **escolhidas pelo aluno, sem notas, sem provas objetivas, sem análise gramatical, sem fichamentos ou questionários, sem redações impostas.**

Devem ser expressivas e criativas, relacionadas com desenhos, pinturas, colagens, música, dança, pantomimas, expressão corporal, dramatizações, leituras expressivas, fantoches etc., sugeridas livre e espontaneamente pelos alunos.

EXEMPLOS DE ATIVIDADES COM OS LIVROS E OUTROS PORTADORES DE TEXTO

O aluno pode, se quiser:

- mudar a posição dos livros;
- folhear os livros;
- escolher os livros;
- ler sozinho ou com a ajuda de alguém;
- descobrir o texto pelas gravuras;
- ouvir a leitura do professor e conferir se descobriu ou acertou o texto do autor;
- ouvir a leitura do professor. Essa leitura do professor pode ser feita em capítulos (um por dia), dependendo do livro.

Se possível, usar embalagens diversas e:

- identificar e comentar indicações encontradas em embalagens, tais como: data de fabricação, validade, código de barras etc.;
- copiar mensagens encontradas e selecionadas das embalagens;
- brincar de supermercado, usando as embalagens;
- participar de jogos, usando embalagens e rótulos;
- relacionar informações encontradas em embalagens com os conteúdos de matemática, geografia, história e ciências;
- colocar embalagens em ordem alfabética;
- descobrir letras iguais em embalagens diferentes;
- bulas e receitas de remédio;
- panfletos, propagandas de vários tipos, folhetos, mala-direta.

HISTÓRIAS, LENDAS E FÁBULAS

As atividades com esses portadores de texto despertam grande interesse nas crianças. As histórias, em geral, além de contribuírem produtivamente no desenvolvimento de habilidades linguísticas, mexem com a emoção, com os sentimentos, pois lidam com o bem e o mal, o real e o fantástico e despertam para a solução de problemas e dificuldades:

- ouvir, ler e contar histórias;
- recontar histórias lidas ou ouvidas;
- comentar e/ou debater sobre enredos, personagens ou conflitos encontrados nas histórias;

- reescrever trechos de histórias;
- consultar o dicionário para buscar os significados de palavras;
- participar de atividades na biblioteca da classe;
- leitura virtual de livros próprios para diferentes fases;
- trabalhar a estrutura textual de história e/ou contos (cenário, trama e finalização);
- situar histórias no tempo;
- substituir ou incluir novos personagens e/ou cenários numa história;
- participar da “hora de histórias”;
- dramatizar histórias lidas ou ouvidas;
- participar de pequenas montagens de teatro;
- confeccionar fantoches ou material para teatro de sombras;
- ler para os colegas, ou escutar a leitura de colegas;
- participar de rodas de leitura;
- comentar livros lidos;
- debater com colegas ideias e fatos encontrados em livros;
- ler o livro sozinho ou com a ajuda do professor;
- reproduzir oralmente histórias lidas;
- narrar fatos interessantes de uma história lida;
- descrever, oralmente, ambientes e personagens de livros;
- apreciar características de personagens e situações de histórias;
- reproduzir cenas de histórias por meio de dramatizações, fantoches, teatro de sombra, desenhos, pinturas, mímicas e outros códigos;
- ler outros livros: se quiser, levá-los para mostrar aos colegas, comentar, emprestar etc.
- alterar o final de histórias, introduzir novos personagens, adequar o texto a outros ambientes (presente, passado, futuro);
- debates e interpretações de textos variados: *identificando intenções não explícitas; *julgando ação e reação de personagens; *estabelecendo relações de causa e efeito; *distinguindo fato de opinião, realidade de fantasia; *outras.

Uma boa e intensa prática de leitura na escola, de acordo com o PCN (1997):

- amplia a visão do mundo e inclui o leitor na cultura letrada;

- estimula o desejo de outras leituras;
- possibilita a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- permite a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- possibilita produções orais e escritas em outras linguagens;
- amplia o conhecimento a respeito da própria leitura;
- informa como escrever e sugere sobre o que escrever;
- ensina a estudar;
- possibilita a compreensão da relação entre fala e escrita;
- aumenta a velocidade na leitura;
- favorece a estabilização de formas ortográficas.

Outras atividades, além das realizadas na biblioteca ou cantinho dos livros, no Cantinho de Aprendizagem:

- confecção de doces, salgados e comidas fáceis, orientada pela leitura de receitas;
- participação em jogos e brincadeiras, seguindo instruções escritas;
- leitura de embalagens e rótulos;
- consulta a calendários;
- correio de classe, para circulação de cartas, bilhetes, postais, cartões diversos, convites;
- leitura de quadrinhos, textos de jornais, revistas, suplementos infantis, notícias;
- leitura e comentários sobre:
 - anúncios, slogans, cartazes, folhetos e panfletos;
 - parlendas, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, anedotas;
 - contos, mitos, lendas, fábulas, folhetos de cordel, peças de teatro;
 - textos de pequenas peças teatrais, estatutos, declarações de direitos, combinados;
 - consulta a enciclopédias, verbetes de dicionário, textos informativos.

ATIVIDADES LÚDICAS

Essas atividades, como brincadeiras, jogos e canções, são auxiliares excelentes para a fase da alfabetização e, depois, no desenvolvimento da competência linguística nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental. Possibilitam oportunidades de cooperação, socialização, competição, resolução de conflitos ou desequilíbrio e promovem a criatividade, o respeito a combinados e regras.

Para Vygotsky, o brincar é uma fonte de promoção de desenvolvimento. A criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas. Na fase pré-escolar, ocorre uma diferenciação entre os campos de significado e da visão. O pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior passa a ser regido pelas ideias (REGO, 1995):

- planejar jogos e brincadeiras;
- definir combinados e registrá-los por escrito;
- listar nomes de jogos e brincadeiras;
- selecionar e registrar, por escrito, jogos e brincadeiras que podem ser realizados na sala de aula e no pátio;
- fazer o registro escrito do resultado de jogos e brincadeiras;
- criar e escrever novos jogos;
- outras atividades que vão ampliando e enriquecendo o universo do aluno, abrindo-se um leque de opções cada vez mais diversificadas.

RECEITAS

São textos que desenvolvem a facilidade de seguir instruções para execução de determinadas tarefas:

- pesquisar, selecionar ou solicitar, na família, receitas pra serem executadas na escola;
- organizar e agrupar receitas de doces, salgados e outros;
- copiar receitas preferidas;
- trocar receitas com colegas;
- ler receitas com colegas;
- organizar um álbum de receitas e ilustrá-lo;
- listar nomes de receitas preferidas;
- registrar, por escrito, nomes de doces ou comidas de receitas selecionadas;
- agrupar receitas, de acordo com o seu tipo;
- escrever as receitas em fichas e arquivá-las no fichário ou determinado arquivo do Cantinho de Aprendizagem.

CONVITES, BILHETES E CARTAS

Estes textos devem ser trabalhados desde a fase da alfabetização. Além da socialização que promovem, são ótimos recursos para o desenvolvimento da habilidade de leitura e de produção de textos.

- A LER, diariamente, para seus alunos, textos literários: obras integrais ou leitura de livros em capítulos.
- B Promover, no cantinho de livros, a narração de diferentes tipos de texto, por você e por seus alunos.
- C Um dos aspectos a considerar é que, na literatura, a linguagem está na função poética. O destaque da função poética encontra-se na poesia ou na prosa poética.

ALGUMAS SUGESTÕES PARA UTILIZAÇÃO DO TIPO DE TEXTO POÉTICO

Em primeiro lugar, uma “aula” de poesia é apresentada pelo professor. É diferente da aula de leitura básica ou informativa, quando os alunos leem o texto, interpretam-no, respondem perguntas, fazem exercícios. Já em relação ao poema, é o professor quem o lê, quem envolve os alunos com a audição, conversas, comentários, transmitindo a sensibilidade e emoção, a beleza, a intenção colocada pelo autor no texto, indicando os recursos usados para obtenção do efeito estético.

- a) **Contato:** É o primeiro momento e deve ser agradável. Leve escrito ou impresso um belo poema e deixe-o em algum lugar visível da sala de aula. Pronto; não diga nada ou chame a atenção. Deixe ficar a semana toda. Pode ter certeza de que as crianças, aos poucos, vão se aproximar e ler. Se perguntarem por que, para que, diga apenas: “Achei lindo esse poema e trouxe para vocês apreciarem”, ou “É porque este é um belo poema que encontrei (ou de que gosto) e achei que vocês também iam gostar”. Se alguém quiser copiar, deixe, mas não valorize o fato. Na semana seguinte, coloque outro poema e despreocupe-se. Isso é como vírus de gripe, fica no ar e... pega, contaminando. (Essa atividade exige que os alunos saibam ler; a da letra b (abaixo), não.)
- b) **Leitura Expressiva:** Primeiro, goste de verdade do poema. Segundo, treine sua leitura de modo a transmitir para os ouvintes toda emoção nele contida. Se você não for um bom intérprete, peça a uma outra pessoa que o faça muito bem e grave ou leve a pessoa para fazer a leitura para os seus alunos, se for possível. Vários de nossos atores têm gravados discos ou fitas com boa seleção de poemas. Temos também vídeos em que são apresentados poemas, não só pela expressão oral, como também incluindo música e ilustrações sugestivas.

As crianças e adolescentes, em geral, sensibilizam-se com a leitura dos poemas, mas dificilmente são capazes de realizar uma leitura realmente expressiva. Não se preocupe se todas as palavras ou figuras serão compreendidas ou as estruturas simples, claras e acessíveis aos alunos. É suficiente que capturem a emoção poética. É possível ficar maravilhado e envolvido com as palavras sem saber o seu significado próprio, muitas vezes, só (?) pela sonoridade e ritmo, pela música. Guarde bem estas palavras:

“O conhecimento para residir de fato no indivíduo, primeiro deve passar pela emoção. Quando ele passa pela emoção e se aninha na inteligência, a gente não esquece nunca mais. No entanto, quando ele entra direto na inteligência pela razão fria, é esquecido imediatamente. Não tenham medo de trabalhar a emoção, pois ela é uma garantia, principalmente para a arte”.

(BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓZ)

- c) **Leitura Criticada:** Essa atividade é para alunos maiores. Consiste no seguinte: os alunos, depois de treinar a interpretação do poema, leem-no para os colegas. Estes observam as falhas e os acertos de cada colega, justificando seu comentário. Por exemplo: “A terceira estrofe deveria ser lida mais devagar, porque a passagem sugere tristeza”. Ou “Essa palavra deveria ter sido pronunciada com mais força porque é a principal do verso”, ou “Você destacou muito bem a música das rimas semelhantes” (aliteração). Essa técnica é excelente sob vários aspectos: além da formação do espírito crítico e do respeito à crítica, com relação às atitudes dos alunos, acaba tornando-se, sem formalismos, um estudo de texto.
- d) **Outras Atividades – Jogonal:** Nas modalidades, por exemplo, de uníssono (todos leem juntos), estribilho (com um verso ou estrofe lido em conjunto), grupos alternados; coro falado.
- e) **Seleção de Poemas:** Cada um coleciona e registra do modo que desejar os poemas de sua preferência que podem ser apresentados para apreciação dos colegas, exposições, álbuns, coletâneas etc.
- f) **Montagem:** Sobre um tema forma-se um novo texto (coerente) com partes de diversos outros.
- g) **Recriação:** A partir de um poema comentado, fazer outro poema “à maneira de” usando determinados elementos característicos, sem que se faça uma simples cópia, mas, sim, uma recriação (ver p. 52 deste Caderno).
- h) **Transposição:** É a mudança de código, desenhar, pintar, esculpir, modelar, dobrar etc.
- i) **Estudo de Texto:** Com características muito peculiares, feito pelo professor, apresentando aos alunos, para o seu enriquecimento, aspectos do poema que eles não descobririam sem auxílio técnico e que permitirão melhor apreciação do poema e aumento do prazer estético.

Tente, de algum modo, reproduzir poemas para seus alunos.

Se você não tiver esse material, peça nas bibliotecas e nas comunidades e MEC. Existem bons discos à venda, com poemas de Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e outros. Outra opção é descobrir um bom intérprete de poemas em sua escola ou cidade e escolher alguns poemas para ele gravar.

- a) **Audição de poemas musicados,** que costumam ser muito bons. Há, por exemplo, um CD do grupo Cantares, de Juiz de Fora, com excelente seleção de poemas. A Editora Paulinas também tem esse tipo de material.
- b) **Audição de composições musicais orquestradas,** ou de boa música brasileira. A música tem grande proximidade com a poesia. Ouvir música “educa” o ouvido, torna as pessoas

mais sensíveis ao poético. Você pode pensar num “fundo musical” para momentos de relaxamento, ou de criação de textos. Não se acanhe em cantar com os alunos cantigas de roda ou outras composições que eles conheçam: é uma ótima forma de marcar o ritmo, que, em muitos casos, é o mesmo do poema.

- c) Elaboração, pelos alunos, de uma antologia poética. Pode ser um trabalho conjunto ou individual. O importante é que a(s) antologia(s) circule(m) pela classe e tenha(m) a colaboração de todos, ou da maioria. Peça aos alunos que façam constar dessa antologia poemas que os familiares mais velhos conheçam de cor, poemas de folclore etc. É claro que a antologia pode ser ilustrada!
- d) Criação de grêmio literário e da “hora da poesia”, em que as crianças apresentam poemas e falam sobre poetas (se quiserem).
- e) Manuseio e leitura de livros de poesia, nesse caso, sobretudo os criados para crianças, que são em geral bem ilustrados. Aqui vão algumas **sugestões**:
 - Antônio Barreto: Brincadeiras de anjo (FTD); Isca de pássaro é peixe na gaiola (Miguilim).
 - Bartolomeu Campos Queiróz: Diário de classe (Moderna); qualquer outro.
 - Carlos Drummond de Andrade: A senha do mundo (Record); A cor de cada um (Record).
 - Cecília Meireles: Ou isto ou aquilo (Nova Fronteira).
 - Elias José: Caixa mágica de surpresa (Paulus); Quem lê com pressa tropeça (Lê); Félix e seu fole fedem (Paulinas); Um pouco de tudo (Paulus); Lua no brejo (Mercado Aberto).
 - Elza Beatriz: Pare no P da poesia (Vigília); A menina dos olhos (Miguilim); Caderno de Segredos (FTD).

O MEC apresenta às escolas uma boa seleção de:

- Adivinhas, canções, cantigas de roda, parlendas, poemas, quadrinhas e trava-línguas – Volume 1.
- Contos tradicionais – Volume 2.
- Contos tradicionais, fábulas, lendas e mitos – Volume 3.
- Textos informativos, textos instrucionais, biografias – Volume 4.

(ALFABETIZAÇÃO, LIVRO DO ALUNO, BRASÍLIA, FUNDESCOL A/SEF – MEC 2007, v.1, 2, 3, 4. IL. ZIRALDO.)

Mais algumas sugestões, professor, para enriquecimento do seu trabalho:

LIVROS:

- Era uma vez uma chave – Francisco Aurélio Barreto (Miguilim).
- Estórias em três atos – Bartolomeu Campos Queiróz (Formato).
- Papo de pato – Bartolomeu Campos Queiróz (Formato).
- Que raio de história – Sylvia Orthof.
- Cara de um focinho do outro – Guto Lins (FTD).
- Dom ratão faz uma descoberta – Therezinha Casasanta (Lê).
- Sapato furado – Mário Quintana (FTD).
- A vira volta do Janjão – Therezinha Casasanta (Lê).
- Estória em três atos – Bartolomeu Campos Queiroz (Miguilim).
- Carolina de nariz vermelho – Roberto Gomes (FTD).
- Galo pra cá, rato pra lá – Sylvia Orthof (Formato – Memórias Futuras).
- O pega-pega – Mary França e Eliardo França (Ática) e Coleção Gato e Rato.
- Caminhos de ouro – Ana Maria Machado (FTD).
- Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado (Miguilim)
- O barulho do tempo – Vivina de Assis Viana (FTD).
- O velho, o menino e o burro & outras histórias caipiras – Ruth Rocha (FTD).
- Mil borboletas – Paula Saldanha (Memórias Futuras).
- Classificados Poéticos. Roseana Murray (Miguilim) e outros.
- Quer brincar? – Eva Furnari (FTD).
- Festa no céu – Ana Maria Machado (FTD).
- Bem te verde – Santuza Abras (Formato) e outros.
- O cavaleiro azul – Maria Clara Machado (Cedibra) e livros de peças teatrais.
- Uni duni e tê – Ângela Lago (Comunicação).
- A árvore da montanha – Ângela Leite de Souza (Scipione).
- Uma velha e três chapéus – Sylvia Orthof (FTD).

- Lúcia, já vou indo – Maria Heloisa Penteadó (Ática).
- O short amarelo da raposa – (Miguilim).
- Leve como a folha – Francisco Aurélio Ribeiro e Paulo Roberto Sodré (Miguilim).
- Chapeuzinho amarelo – Chico Buarque de Holanda (José Olympio).
- A história do lobo – Marco Antônio Carvalho (Ática).
- Chapeuzinho vermelho e lobo guará – Ângelo Machado (Melhoramentos).
- A verdadeira história dos três porquinhos – Jon Scieszba (Companhia das Letrinhas).
- O fantástico mistério da Feiurinha – Pedro Bandeira (FTD).
- Quase de verdade – Clarice Lispector (Rocco).
- O mistério do coelho pensante – Clarice Lispector (Rocco).
- Os rios morrem de sede – Wander Piroli (Comunicação).
- Apontamentos – Bartolomeu Campos Queiroz e Correspondência (Estado de Minas Gerais).
- Baú de histórias – Sônia Junqueira (Atual).
- Curupira – Joel Rufino dos Santos (Ática) e Festa no Céu (Miguilim).
- Histórias de encantamento – R. Azevedo e C. Fittipaldi (Scipione).
- Lendas brasileiras – Terezinha Éboli (Ediouro).
- Morena – Ciça Fittipaldi (Melhoramentos).
- Outros contos de fada – Ricardo Azevedo (Nobel).
- Lendas: O boto, A cobra grande, Matinta Pereira, Tambatajá e outras. Livros só de lendas, de Câmara Cascudo e de Millôr Fernandes.
- História de dois amores – Carlos Drummond de Andrade (Melhoramentos).
- Outra vez – Ângela Lago (Miguilim).
- Fábulas – Monteiro Lobato (Brasiliense).
- O povo sabe o que diz – Thiago de Melo (Sver & Boccato, SP).
- Contos da América do Sul – Lendas, Trad. Stumer, T. F. C.

SOBRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais

ALMEIDA, Gergilga de. *Bruna e a galinha d'Angola*. Rio de Janeiro: Pallas.

Bruna era uma menina que vivia perguntando com quem iria brincar, pois era muito sozinha. Sua avó, com dó da netinha, manda trazer de um país da África uma conquém, que no Brasil é conhecida como galinha d'Angola, cocá ou capote. Depois de ganhar o presente, Bruna passa a ter várias amigas e a conhecer as belezas de ter uma conquém.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Histórias africanas para contar e recontar*. Editora do Brasil.

Por que o porco vive no chiqueiro? Por que a coruja tem o olho grande? Essas e outras perguntas sobre os animais têm respostas nas histórias africanas para contar e recontar que o autor recolheu dos contos tradicionais africanos e traz de maneira divertida para o público infanto-juvenil brasileiro.

DIOUF, Sylviane A. *As tranças de Bintou*. Tradução: Charles Cosac.

O livro conta a história de uma menina em uma localidade da África. A menina Bintou queria ter tranças, mas em sua comunidade só as moças podiam usar tranças. Bintou acha seu penteado sem graça e pede à sua avó que faça tranças em seu cabelo. Esta, no lugar de tranças, coloca vários enfeites coloridos em seus cabelos, e fica muito feliz ao ver o resultado.

GODOY, Célia. *Ana e Ana*. Editora: DCL.

Ana Carolina e Ana Beatriz são duas irmãs gêmeas completamente diferentes uma da outra. Enquanto uma gosta de massas, a outra é vegetariana; uma adora o rosa, a outra gosta de azul; uma adora música, a outra é apaixonada por animais. A história das Anas nos faz perceber que as pessoas são únicas no gostar, no ser e no estar no mundo, mesmo que se revelem iguais na aparência.

KINDERSLEY, Anabel. *Crianças como você*. Unesco, Ática.

Fotógrafos e escritores percorrem 31 países pesquisando e fotografando crianças. O resultado desta viagem é um livro emocionante, com fotos belíssimas de crianças de todo o mundo, de suas famílias, suas culturas, seus brinquedos e comidas favoritas. O livro é uma celebração da infância no mundo e também uma viagem fantástica pelas diferenças e semelhanças deste mosaico chamado humanidade.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo: Ática.

Conta a história de um coelhinho que se apaixona por uma menina negra e quer saber o segredo de sua beleza. A menina inventa mil histórias, até que sua mãe esclarece ao coelhinho que a cor da pele da menina é uma herança de seus antepassados, que também eram negros.

PATERNO, Semíramis. *A cor da vida*. Editora Lê.

Com esse livro, a autora possibilita a discussão da temática das relações raciais pelo olhar das crianças. Por meio de um jogo poético com as cores, duas crianças mostram para suas mães que a luta pela igualdade não significa apagar as diferenças.

PIRES, Heloisa. *Histórias da preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

A autora reúne deste livro várias histórias contadas por seus avós, que nos permitem conhecer um pouco sobre a cultura afro-brasileira, a religião dos orixás, a culinária e tudo o que nos remete à cultura africana, que compõe a cultura brasileira.

PRANDI, Reginaldo. *Xangô e trovão*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

Conto de tradição Yorubá (língua falada no Benin, Nigéria e região), repassa história que compõe o universo da mitologia africana.

ROSA, Sônia. *O menino Nito, afinal homem chora?* Rio de Janeiro: Pallas.

A história de Nito é muito comum à de tantos meninos que são educados para não chorar. Para obedecer ao pai, que o proíbe de chorar, Nito se transforma em uma criança triste e fica doente de tanto “engolir” choro. O médico da família é chamado e aconselha o menino a “desachorar”. O sofrimento da criança é tanto que o médico, a mãe, o irmão e até o pai de Nito choram ao ouvir o quanto de choro ele tinha guardado.

RUFINO, Joel. *Gosto de África, estórias de lá e daqui*. Editora Global.

Histórias daqui e da África, contando mitos e histórias das tradições negras. Com um olhar crítico e afetuoso, o livro fala também de personagens da história do Brasil e de um tempo de escravidão, luta e liberdade, ajudando a compreender a diversidade de nossa cultura.

Outros livros, poemas, vídeos, filmes, música, obras de arte e história: p.186/189 do livro citado nas páginas 4 e 31 deste Caderno de Orientação.

Sobre Educação Indígena (consultar livro citado na página 4 deste Caderno, nº 4)

- Meu povo canta – Professores Indígenas de Pernambuco, Centro de Cultura Luiz Freire, FALE/BH, MEC.
- No Reino da Assunção, Reina TRUKÁ (Org. das professoras Truká). OPIT – FALE/UFMG e SECAD/MEC, 2007.

Sobre gênero – RIBEIRO, Marcos. *Menino brinca de boneca?* Ilustrações Bia Salgueiro, Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

Como orientar um estudo de texto – exemplo 1

A leitura de diferentes tipos de texto, com o objetivo de ensinar a ler, é chamada de leitura básica ou formativa (formativa do leitor). O aluno deve fazer uma verdadeira “exploração” do texto para descobrir o que o autor disse e como o disse; sem parar por aí; dialogar com outros textos (intertextualidade), ir além (extrapolar) e fazer uma aplicação da leitura, ou seja, utilizá-la em outros horários com novas finalidades.

- 1 Para começar um estudo de texto, ou, em outras palavras, uma aula de leitura, fazer uma introdução (rápida), relacionando as experiências do aluno com o tema a ser desenvolvido na leitura.
- 2 Em seguida, a incentivação. É uma frase de apresentação, simples, mas eficiente, para chamar a atenção e dar vontade de ler o texto. A observação de gravuras ou ilustrações (se houver) faz isso bem.

QUANDO VOCÊ SE SENTIR SÓ...
ou não quiser ser apenas mais um na multidão,
quando quiser descobrir quem descobriu, quem inventou, como surgiu
nas curtas, médias e longas viagens
ou para ir até o infinito no tempo que dura um grito
nos longos períodos horizontais
para ir à festa do rei
ou viver fantásticas aventuras no mar,
para saber o que os bichos pensam da vida
ou atravessar o tempo como se atravessasse uma porta,
para ver como é bonito o mundo visto por um mosquito
ou, num instante, sentir a terrível solidão de um gigante
quando o mundo vira uma geladeira e você um pinguim
nos dias chorosos
ou quando a Terra se bronzeia
para sentir aquele medinho gostoso
ou quando quiserem fazer você de bobo,
leia um livro...

XAVIER, MARCELO. ASA DE PAPEL. BELO HORIZONTE: FORMATO, 1993.

* CADA LINHA OU VERSO DESTES LIVROS É UM TÍTULO PARA UMA PÁGINA ILUSTRADA

Tendo recebido o texto (se reproduzido) ou procurado no índice pelo título ou pelo número da página (se do Caderno de Leitura), o aluno vai fazer sua leitura silenciosa, orientada por uma ou duas perguntas orais ou escritas no quadro. As perguntas devem obrigar o aluno a entender o texto para respondê-las. Se o texto for reproduzido (xérox ou por outro meio), a fonte deve ser mostrada e será a própria incentivo para a leitura. Vejam esta revista (ou este anúncio, esta propaganda, este jornal etc.); foi nela que encontrei (ou dela retirei) o texto sobre..., que sei que vocês vão gostar de ler. Vamos lá? Não apenas mostrar, deixar que peguem, folheiem.

AS QUESTÕES DIÁRIAS DE ESTUDO DE TEXTO SÃO FUNDAMENTAIS PARA O APRENDIZADO DA LEITURA, JÁ QUE SE APRENDE A LER LENDO, E... LENDO O QUÊ? O TEXTO.

1ª questão: Cuidado com a qualidade das questões propostas para estudo do texto. Elas sempre devem exigir **leitura**, ou seja, **interpretação**, atribuição de significados. Você, temos certeza, jamais perguntaria simplesmente “Qual é o nome do livro?”, pois a resposta é evidente; não basta olhar e ver; é preciso pensar. Peça, por exemplo: – Como você justifica ou explica o nome do livro *Asa de Papel*? Seus alunos precisam usar a cabeça; afinal, você não quer formar leitores competentes?

2ª questão: Dê um título a esse texto. Justifique.

Você sabe que, em geral, **o título de um texto** é a síntese dele. Resume, em poucas ou sugestivas palavras, a ideia principal do texto, indica seu conteúdo. Assim, para resolver essa questão, o aluno precisa compreender o texto todo e procurar a relação lógica entre ele e o título que o explica. Você pode, também, pedir que seu aluno dê outro título adequado ao texto e justifique sua proposta (oralmente). Pode (e é ótimo) ocorrer que apareçam vários bons títulos concorrendo com o do escritor, e será uma questão de preferência.

3ª questão: Observe as ilustrações acima do texto. Ligue cada ilustração à frase correspondente no texto.

As questões que relacionam texto e ilustração são também muito importantes, pois pedem comparação do texto com a ilustração, sua interpretação e a adequação de sentido, de modo que a ilustração tenha de ser aquela e não outra e por quê. Se você achar importante para seus alunos, pedir que, em lugar de associar texto e ilustração por meio de uma linha, façam isso escrevendo a frase correspondente do texto, como legenda para a ilustração.

4ª questão: Você viu que as ilustrações de *Asa de Papel* são de massinha. Escolha uma frase do livro e ilustre-a você também (se não for possível com massinha, use outro recurso: desenho, pintura, recorte, colagem etc.).

É uma mudança de código (de língua para escultura ou modelagem), do verbal para o não verbal, cada um com sua gramática própria. Além disso, exige-se a coerência entre as duas representações, expressando o mesmo pensamento.

As respostas às questões para estudo do texto podem ser dadas oralmente. Esse tipo de estudo – comentário oral do texto – é bem mais produtivo e enriquecedor para todos, pois proporciona trocas afetivas e cognitivas entre os alunos.

“O desenvolvimento acontece dentro de um processo de interação construtiva entre seus participantes – professor e alunos –, através de atividades desafiadoras. Segundo Vygotsky, o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Este deve ser olhado para além do momento atual, para aquilo que deve acontecer e que é importante que aconteça. Assim, se a criança já domina determinadas tarefas, já as realiza sozinha, não precisa mais de ajuda para elas. Cabe ao professor, então, provocar desafios que impulsionem avanços no percurso do desenvolvimento do aluno, estes já em estado latente, mas que não ocorreriam espontaneamente sem essa interferência”.

A resposta à **1ª questão**, que inicia “o comentário”, será a mesma que foi apresentada de forma oral ou escrita no quadro para orientar a “leitura silenciosa”.

Todas as questões selecionadas para o comentário e estudo do texto devem estar voltadas para o desenvolvimento de competências específicas necessárias à compreensão a leitura.

Por exemplo:

- Qual seria a intenção do autor ao produzir esse texto?
- Você acha que ele atendeu ao seu objetivo? Por quê?
- O que você entendeu ao ler: “quando o mundo vira uma geladeira e você um pinguim”; “ir até o infinito no tempo que dura um grito”.
- Outras.

Um estudo de texto não se faz em um horário seguido. Por mais interessante que seja, acaba cansando e comprometendo o resultado. Retornar em outro horário ou outro dia pode ficar muito interessante; o único cuidado é renovar a “incentivação” e não separar dela a “leitura silenciosa”. **Exemplo de divisão:**

Para orientar um estudo de texto, você pode, professor, seguir os seguintes passos:

1ª PARTE:

a) Incentivação:

- pergunta oral ou escrita para orientar a “leitura silenciosa”,
- entrega do material (texto);
- resolução de dificuldades (explicação ou procura no glossário da palavra que realmente impeça a compreensão do texto, ou mesmo sua leitura; o professor pode apresentá-la na frase ou em parte da mesma frase do texto, nunca isolada, escrita em uma ficha ou no quadro e discutir o significado com os alunos;

- recordação de hábitos desejáveis (ler “com olhos”, de boca fechada; modo de segurar o livro e passar as páginas; distância entre o texto e os olhos; cuidados com a coluna vertebral ao assentar-se etc. Isso pode estar escrito ou desenhado em um cartaz; anteriormente feito junto com os alunos e, na hora, é só chamar a atenção, tipo “olhem o cartaz, lembrem-se do que combinamos”).

b) Leitura silenciosa

2ª PARTE:

Comentário: (renovação da incentivação para continuar a leitura anterior)

Começa pela resposta à questão inicial e discussão de várias outras, penetrando no texto, procurando compreender o que o autor disse ou quis dizer e como ele conseguiu isso pela estruturação do texto. É hora de “desmontar” e reconstruir o texto e dialogar com outros textos (intertextualidade). Alguns aspectos gramaticais podem ser ressaltados pelo valor de seu uso para obter efeitos estilísticos ou informativos, nunca usando o texto como “pretexto” para “ensino” e, de preferência, sem nomenclatura. Esta, só muitíssimo bem contextualizada.

Além da verificação das respostas, do aprofundamento da compreensão do texto, feita por novas questões sobre pormenores significativos, de questões de análise e julgamento do caráter e das ações dos personagens na narrativa, e de inferências feitas a partir do que foi lido, deve haver a organização do assunto por meio de perguntas que levem a respostas que impliquem a estruturação lógica de várias ideias. (O comentário do texto cumpre papel importante na formação do leitor.)

3ª PARTE:

Aplicação (referências à leitura ou leituras realizadas, isto é, renovação da incentivação) Ler ou fazer alguma coisa a partir do texto lido, com motivos diferentes (revisão e conclusão):

- Leituras orais de partes do texto que respondam a alguma questão; leitura teatralizada dos diálogos, cada aluno com seu personagem e/ou narrador.
- No caso de Asa de papel, fazer um jogral – ler, oralmente, com expressão e entonação adequadas, uma frase ou um conjunto delas para cada aluno ou grupo de alunos, alternadamente, com a leitura em um uníssono (todos juntos) da última frase, LEIA UM LIVRO!

- Mímica, dramatização, desenho, pintura, recorte, modelagem e outros.
- Reconto, reescrita, recriação, quadrinização.
- Conversa, debate, integração com outras áreas temáticas.
- Trabalhos individuais ou em grupo.

Como orientar um estudo de texto – exemplo 2

UMA CAÇADA ORIGINAL

Depois da refeição, Joãozinho saiu do rancho para contemplar a manhã, que estava maravilhosa, cheia de sol, sonora de cantos, pios e gritos de aves.

Sentiu intenso desejo de andar, de passear, de atravessar o seio cheiroso de mato.

Disse-o a Curumim que viera à porta do rancho.

– Pois vamos por aí afora, respondeu este.

Vão andar? Gritou Maria Bugra, lá de dentro.

– Vamos, disse Curumim.

– Aonde vão?

– Por aí, à toa zanzando...

– Então, Curumim, por que é que não hão de ir os dois até a lagoa caçar uns marrecos para o “jantar”? Dá pra voltarem antes do meio-dia. É perto.

– Bem lembrado – exclamou Curumim, entrando no rancho, donde voltou pouco depois com um pedaço de cordinha que cortou em várias partes iguais e meteu-as no bolso.

A avó apareceu à porta com arco de flecha. É bom levar, disse, pode ser preciso...

Joãozinho não entendia nada: “Por que os pedaços de cordinha? Por que Curumim ia saindo sem arco e flecha se devia caçar marrecos? Pensava, intrigado. Mas nada perguntou.

Partiram para o lado do sul. Andaram, andaram. Não demorou muito, avistaram a lagoa, por sobre a qual voaram bandos de aves.

Aproximaram-se. A água estava coalhada de marrecos nadando. Nas margens, muitas garças e jaburus.

Joãozinho notou que na água boiavam umas bolas.

– São cabaças. Fui eu quem as colocou aí, explicou Curumim.

- Para quê?
- Para os marrecos se acostumarem com elas.
- Hein? Acostumarem? Por quê?
- Espere um pouco escondido no mato que você já vai compreender tudo.

Dito isso, Curumim encaminhou-se para perto da lagoa. Ali, despiu-se, abaixou-se e tirou de uma touceira de capim uma cabaça que estava oculta. Tinha a parte inferior cortada e dois buracos de um lado como dois olhos.

Curumim meteu-a na cabeça à maneira de um capacete e entrou na água. Foi andando, andando, até que esta lhe atingiu o peito.

Súbito, abaixou-se, ficando-lhe fora da lagoa apenas a cabeça disfarçada pela cabaça.

Esta foi deslizando pela superfície da água.

Aproximou-se de um marreco e Joãozinho viu este sumir-se puxado violentamente para o fundo...

Curumim tem cada uma! – exclamou Joãozinho... ora, ora.

As aves, acostumadas com a presença das cabaças e sem poderem suspeitar do estratagema de Curumim, deixavam-se apanhar com a maior facilidade!

Assim, depois de uns dez minutos, saía Curumim da água, trazendo à cintura, atada pelos pedaços de cordinha que trouxera, meia dúzia de marrecos mortos, de pescoço deslocado.

Joãozinho ria-se a mais não poder, cheio de admiração.

– É boa! É muito boa! Exclamou, enquanto espantadas pelo barulho. Centenas de marrecos fugiam, aos grasnidos, em nuvem pelo alto do céu azul.

LEITURA

DIREÇÃO DA LEITURA SILENCIOSA

- 1) Por que os meninos resolveram caçar?
- 2) Qual era o método ou estratagema que Curumim usou para caçar os marrecos?

COMPREENSÃO DO TEXTO

1 Divida o texto em 4 partes, de acordo com os seguintes títulos:

- a) O plano do passeio
- b) O pedido da avó
- c) A curiosidade de Joãozinho
- d) O estratagema de Curumim

2 Coloque F ou V à frente de cada afirmativa, conforme você a considere falsa ou verdadeira:

_____ A lagoa onde os meninos foram caçar ficava perto.

_____ Curumim queria levar o arco e as flechas.

_____ Havia bolas boiando na água da lagoa.

_____ Os marrecos não gostavam das cabaças.

_____ Curumim matou os marrecos com as cordinhas.

3 Numere as gravuras de acordo com sua ordem de aparecimento na história:

Desenho de Maria Bugra, Curumim e Joãozinho conversando

Desenho da lagoa com as cabaças flutuando

Desenho de um lindo dia com os elementos descritos no texto

Curumim à beira da lagoa, pingando água pelo corpo e tendo, na cintura, uma fileira de marrecos com o pescoço deslocado e amarrados por cordinhas

Joãozinho e Curumim (segurando as cordinhas), de pé, à beira da lagoa com marrecos e cabaças

4 Preencha o quadro abaixo, usando as qualidades que você acha de acordo com os personagens da história:

PRUDÊNCIA - DISCRIÇÃO - ALEGRIA - PACIÊNCIA - ESPERTEZA - PREGUIÇA - VELOCIDADE - INTELIGÊNCIA.

PERSONAGENS	QUALIDADES
MARIA BUGRA	
JOÃOZINHO	
CURUMIM	

5 A ver a proeza de Curumim, Joãozinho ficou:

_____ admirado

_____ indignado

_____ indiferente

_____ assustado

_____ confuso

6 Você acha que a avó de Curumim gostava dele? Justifique sua resposta. Marque no texto o trecho que o levou a concluir isso.

7 Que recursos usou o autor para mostrar como a manhã estava convidativa para um passeio?

8 “A água estava coalhada de marrecos nadando”.

– Que ideia o autor quis transmitir com a palavra ‘coalhada’ nesse trecho?

– Que outro significado tem a palavra ‘coalhada’?

– Você acha que expressou bem a ideia do autor? Justifique.

EXERCÍCIO PARA AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO

“Espantados pelo barulho, centenas de marrecos fugiam, aos grasnidos, em nuvem pelo alto do céu azul”. Substitua, no trecho acima, as palavras grifadas usando a palavra ou expressão mais conveniente:

- espantados: admirados, boquiabertos, assustados, intrigados;
- barulho: rumor, ruído, sussurro, algazarra, estrondo;
- fugiam: escapavam, desapareciam, escondiam-se, retiravam-se.

“_____ pelo _____, centenas de marrecos _____, aos grasnidos, em nuvem pelo alto céu azul”.

2 a) Continue de acordo com o exemplo:

- cabaça que estava *oculta* → cabaça que estava *visível*
- gritou lá de *dentro* →
- puxado *violentamente* →

- *depois da refeição* →
- *as cabaças afundaram* →

b) Continue, de acordo com o exemplo:

- *entrando no rancho* → *saindo do palácio*
- *despiu-se e abaixou-se* →
- *as aves acostumadas com a presença* →
- *Joãozinho não entendeu nada* →
- *muitos marrecos desapareceram* →

c) Continue, de acordo com o exemplo:

- *sentiu intenso desejo de andar* → *sentiu forte desejo de andar*
- *à toa zanzando* →
- *pensava, intrigado* →
- *súbito, abaixou-se* →
- *sem suspeitar do estratagema* →

3 a) Procure no dicionário o significado das palavras: bando, cardume, enxame, manada, rebanho.

b) Continue de acordo com o exemplo:

- *Avistaram um bando* (de aves).
- *Avistaram _____* (de carneiros).
- *Avistaram _____* (de peixes).
- *Avistaram _____* (de abelhas).
- *Avistaram _____* (de elefantes).

LEITURA ORAL

- 1 Leia o diálogo entre Maria Bugra e os meninos.
- 2 Leia o trecho que mostra o cuidado que Maria Bugra tinha com seu neto.
- 3 Leia a descrição da lagoa onde os meninos foram caçar.
- 4 Leia a parte que conta o estratagema de Curumim.

EXPRESSIONÃO ESCRITA

- 1 Explique qual foi o estratagema usado por Curumim para pescar os marrecos.
- 2 Explique o que o autor quis dizer com: “espantados pelo barulho, centenas de marrecos fugiam aos grasnidos, em nuvem pelo alto do céu azul”.
- 3 “Curumim colocou a cabaça à maneira de um capacete e entrou na água. Foi andando, andando, até que esta lhe atingiu o peito”.

Leia o texto com atenção e desenhe nos quadrados abaixo as cenas correspondentes às ideias nele expressas:

- 4 No texto “Uma caçada original” há vários diálogos, ou seja, conversa entre duas pessoas. Observe-os. Há um sinal em todos eles.

Procure-o, pense um pouco e responda:

- a) Que sinal é este?
- b) Para que serve?
- c) Prove que sabe usá-lo imaginando um diálogo entre Joãozinho e Curumim.

SITUAÇÃO

“JOÃOZINHO NÃO ENTENDEU POR QUE CURUMIM IA CAÇAR MARRECOS COM PEDAÇOS DE CORDA EM LUGAR DE ARCO E FLECHAS. PORÉM, NADA PERGUNTOU.”

SUPONHA AGORA QUE JOÃOZINHO TENHA SE COMPORTADO DIFERENTEMENTE, PEDINDO EXPLICAÇÕES A CURUMIM. IMAGINE AS PERGUNTAS DE JOÃOZINHO E AS RESPOSTAS DE CURUMIM.

5 Você acha que um diálogo deve, necessariamente, ser entre duas pessoas? Discuta a resposta com seu grupo. Imagine alguns diálogos, de acordo com as conclusões do grupo, e dramatize-os para seus colegas escolherem o mais interessante.

6 Observe a gravura:



- a) Escreva o que você vê nela. Mas, preste atenção: escreva apenas o que vê.
 - b) Compare o que você escreveu com o trecho correspondente do texto: “Uma caçada original” e veja se está de acordo com ele. Pense se o que está faltando é importante para a compreensão da história.
 - c) Complete a gravura acima, desenhando a parte que falta.
 - d) Escreva, novamente, o que você vê.
- 7 Escreva uma carta a um amigo contando-lhe uma aventura, vivida realmente ou em imaginação, ao participar de “uma caçada original”. Não se esqueça de que em sua carta devem aparecer: local e data, saudação, assunto e despedida. Sobrescreva o envelope, sem esquecer:

No anverso: nome do destinatário, rua, número, cidade, CEP, estado.

No verso: nome do remetente e endereço completo.

8 Siga o modelo: P = Professor A = Aluno

1 a)

MODELO:

P – caçar

P – Os meninos caçam na floresta.

P – morar

A – Os meninos _____ na floresta.

P – brincar

A – Os meninos _____ na floresta.

P – brigar

A – Os meninos _____ na floresta.

P – andar

A – Os meninos _____ na floresta.

b)

MODELO:

P - caçar

P - Nós caçamos na floresta.

P - morar

A - Nós _____ na floresta.

P - brincar

A - Nós _____ na floresta.

P - brigar

A - Nós _____ na floresta.

P - andar

A - Nós _____ na floresta.

c)

MODELO:

P - caçar

P - Eu caço na floresta.

P - morar

A - Eu _____ na floresta.

P - brincar

A - Eu _____ na floresta.

P - brigar

A - Eu _____ na floresta.

P - andar

A - Eu _____ na floresta.

d)

MODELO:

P - caçar

P - Ele caça na floresta.

P - morar

A - Ele _____ na floresta.

P - brincar

A - Ele _____ na floresta.

P - brigar

A - Ele _____ na floresta.

P - andar

A - Ele _____ na floresta.

2 a)

MODELO:

P - matar marrecos

P - Curumim mata os marrecos.

P - apanhar frutas

A - Curumim _____

P - quebrar flechas

A - Curumim _____

P - atar cordas

A - Curumim _____

P - espantar aves

A - Curumim _____

b)

MODELO:

P - matar marrecos

P - Eles matam os marrecos.

P - apanhar frutas

A - Eles _____

P - quebrar flechas

A - Eles _____

P - atar cordas

A - Eles _____

P - espantar aves

A - Eles _____

c)

MODELO:

P - matar marrecos

P - Eu mato os marrecos.

P - apanhar frutas

A - Eu _____

P - quebrar flechas

A - Eu _____

P - atar cordas

A - Eu _____

P - espantar aves

A - Eu _____

d)

MODELO:

P - matar marrecos

P - Nós matamos os marrecos.

P - apanhar frutas

A - Nós _____

P - quebrar flechas

A - Nós _____

P - atar cordas

A - Nós _____

P - espantar aves

A - Nós _____

3 a)

MODELO:

P - manada atravessar

P - A manada atravessa a mata.

P - enxame atravessar

A - _____ a mata.

P - rebanho atravessar

A - _____ a mata.

P - bando atravessar

A - _____ a mata.

P - boiada atravessar

A - _____ a mata.

b)

MODELO:

P - muitos elefantes atravessar

P - Muitos elefantes atravessam a mata.

P - muitas abelhas atravessar

A - _____ a mata.

P - muitos carneiros atravessar

A - _____ a mata.

P - muitas aves atravessar

A - _____ a mata.

P - muitos bois atravessar

A - _____ a mata.

OBS.: esses exercícios podem ser só orais, só escritos ou primeiro orais e em seguida escritos (o professor decide).

TREINO ORTOGRÁFICO

“Depois da refeição, Joãozinho saiu do rancho para contemplar a manhã que estava maravilhosa, cheia de sol, sonora de cantos, pios e gritos de aves.

Sentiu intenso desejo de andar, de passear, de atravessar o seio cheiroso do mato”.

- 1 Observe o sentido das palavras grifadas no texto. Você pode formar muitas outras de sentido semelhante. Veja os primeiros exemplos do quadro abaixo e complete os seguintes:

PALAVRA	SUFIXO	NOVA PALAVRA	SIGNIFICADO
MARAVILHA	OSA	MARAVILHOSA	CHEIO DE MARAVILHA
CHEIRO	OSO	CHEIROSO	CHEIO DE CHEIRO
DESEJO	OSO		
ESPANTO	OSO		
HORROR	OSA		
CARINHO	OSO		
SABOR	OSA		

- 2 Escreva frases empregando as palavras novas que você formou.
- 3 Preencha as lacunas do trecho abaixo, copiando as palavras correspondentes do texto: “A caçada original”.

Súbito, _____, ficando-lhe fora da lagoa apenas a _____
_____ pela _____

Esta foi _____ pela _____ da água.
_____ de um _____ e Joãozinho viu este sumir-se,
_____ violentamente para o fundo.

Curumim tem cada uma! _____

Joãozinho... Ora, ora.

DIVIRTA-SE E APRENDA

1 “Uma lagoa, marrecos nadando. Nas margens, muitas garças e jaburus”:

1 marrecos

2 garças

3 jaburus

4 _____

Você é capaz de continuar essa série? Até quanto é capaz de chegar? Já pensou que se consultar um livro sobre aves poderá organizar uma série bem grande?

2 “Partiram para o lado sul”.

a) Como Joãozinho e Curumim podiam saber em que direção está o sul?

Há vários meios para descobrir os pontos cardeais. Um deles é o uso de um aparelho chamado _____

b) Faça você mesmo a sua bússola. É fácil!

VOCÊ VAI PRECISAR DE

uma gilete
um ímã
uma agulha grossa
uma rolha de cortiça
a parte superior de uma ampola de injeção

COMO FAZER?

→ Pergunte a seu professor

c) Leia mais alguma coisa sobre o aparelho que você construiu. Você vai descobrir muitas coisas interessantes.

d) Curumim e Joãozinho não tinham bússola. Como se orientaram?

e) Usando o mesmo meio de orientação de Joãozinho e Curumim, responda qual é a posição de: sua casa; sua escola.

3 Minigincana

a) Divida a classe em 4 grupos.

b) Escreva as seguintes tarefas, cada uma em um quarto de folha de papel:

- 1 trazer uma cabaça;
 - 2 trazer um arco e flecha do Araguaia;
 - 3 trazer uma bússola;
 - 4 trazer 3 fichas com informações: cabaças, arcos e flechas e bússolas.
- c) Dobre os pedaços de papel.
- d) Sorteie as tarefas entre os representantes de cada grupo.
- e) No dia seguinte (se o prazo for maior, não haverá vencedor, você concorda?), o grupo lerá as suas fichas do seguinte modo:

- 1 um aluno lê a ficha sobre cabaças e o representante do grupo 1 apresenta a cabaça;
- 2 um aluno do grupo 4 lê a ficha sobre arcos e flechas e o representante do grupo 2 apresenta o arco e a flecha;
- 3 um outro aluno do grupo 4 lê a ficha sobre bússolas e o representante do grupo 3 apresenta a bússola.

Será eliminado o grupo que não realizar a tarefa, havendo tantos vencedores quantas forem as tarefas cumpridas.

- 4 Leia o livro: *As caçadas de Pedrinho*, escrito por Monteiro Lobato e publicado pela Editora Brasiliense. Vibre com as aventuras eletrizantes vividas pelo Pedrinho e o pessoal do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Peça à sua professora para marcar um dia em que vocês possam: conversar sobre o livro; dramatizar algumas cenas; ler oralmente os trechos mais bonitos e interessantes.

OBS.: Esse estudo de texto vai levar vários dias. Toda vez é preciso renovar a incentivação. Também pode ser preciso relembrar o texto.

SUGESTÕES:

- A O professor faz perguntas orais que, nas respostas, exijam o recordar do texto.
- B Um jogo de perguntas em que ganha o aluno que achar e ler mais rápido a resposta no texto.
- C Fazer uma leitura dialogada do texto. Primeiro, escolham: um narrador, Maria Bugra, Joãozinho, Curumim. Cada um marca no texto o pedaço que vai ler e em seguida a leitura é feita.
- D Dramatizar o texto. Os alunos escolhem os personagens e narrador e em seguida representam.

- Se você tiver criado (e por que não criou ainda?!), incentive seus alunos a contarem histórias e eles mesmos apresentarem observações sobre as narrativas.
- Essas atividades de leitura vão ser importantes na produção de textos.

Para essa criação, sugerimos:

- 1 Certifique-se, antes, de que os alunos têm algo para contar, estão motivados e dispostos a fazê-lo.
- 2 Faça um levantamento do tipo de narração a ser produzida; um caso, um conto, uma fábula, um fato, um evento presenciado, uma lenda...
- 3 Elabore um esquema da narração contendo a síntese das ideias que devem fazer parte do início – tempo e espaço da ação, apresentação dos personagens; do meio – desenvolvimento da ação que atinge o seu clímax, um momento crítico; o final – o desfecho, o restabelecimento do equilíbrio.
- 4 Avalie o esquema, propondo reformulação, se necessário.
- 5 Desenvolva a produção, ampliando as ideias sintetizadas no esquema. É o momento do detalhamento do que foi proposto para cada parte e que envolve: transformações no tempo e no espaço, alterações constantes em sentimentos e emoções. Tudo isso provocado pelos movimentos intensos e conflitantes das personagens em suas ações, até se chegar ao desenlace, à solução dos conflitos.
- 6 Peça sugestões para o título da narração.
- 7 Avalie a produção em todos os níveis: a estrutura do texto, desenvolvimento e a organização das ideias; o engajamento dos elementos da narração no desenrolar da trama; os aspectos léxico-semânticos e morfosintáticos; o jogo fantasia/realidade; a veracidade dos fatos; a adequação linguística.
- 8 Modifique ou substitua aqueles aspectos considerados passíveis de reformulação.

PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

A linguagem é um fenômeno que acontece integrado e passa por um processo de construção, ampliando criativamente seu espaço de ocupação e de vivência. Por isso, o conteúdo Língua Portuguesa flui através de suas três vertentes – oralidade, ou língua oral; língua escrita: leitura, produção de textos; análise e reflexão sobre a língua, ou conhecimentos linguísticos – sem, contudo, ser linear e fragmentada. O fato ou fenômeno linguístico é um só (lembre-se da ilustração do tecido linguístico).

Interagindo com seu meio, o indivíduo sente imperiosa necessidade de expressar-se. Para tal, organiza seu pensamento de acordo com uma gramática implícita e subjacente a todos

os atos linguísticos, que, percebidos, ouvidos ou lidos, são entendidos, gerando reação provocadora de outras reações sob a forma verbal (falada ou escrita), ou não verbal (gestos: mímica, pantomima), linguagem corporal, desenho, pintura, música, dança, modelagem (madeira, pedra, barro, argila), recorte e colagem, dobraduras, HQ (sem texto) etc.

Assim, um texto produzido pode ser lido oral ou silenciosamente, e, ao ser compreendido, mostrar a gramática de sua construção e os recursos estilísticos usados, ensinando modos operativos e propondo questões cujas respostas de vários tipos levarão à produção de novos textos ou discursos. Essas respostas, para alcançarem seus objetivos, devem ser registradas audível ou legívelmente, com pontuação, acentuação, entonação, paragrafação e padrões de textualidade que possibilitem ao leitor ou ao ouvinte compreendê-las e apresentá-las de acordo com recursos fonéticos, prosódicos, morfossintáticos, semânticos ou expressivos indicados pelo autor.

RECURSOS INDISPENSÁVEIS À PRODUÇÃO DE TEXTOS

As situações de produção de texto variam de acordo com o tipo de texto que será produzido. Surgem, sempre, da necessidade de uma comunicação a distância, uma vez que o destinatário (leitor) da mensagem não está presente fisicamente. No entanto, em qualquer situação, o seu autor tem que considerar as diferentes condições de produção, ou seja:

- **O quê?** Ninguém produz uma mensagem do nada. Para produzir mensagens, é necessário que o escritor tenha algo a comunicar, ou seja, um conteúdo mental a ser expresso (informações, ideias, sentimentos, emoções).
- **Para quê?** Atende a uma determinada função da linguagem (são muitas): contar um caso? Cumprir uma tarefa? Registrar um acontecimento? Promover lazer? Cumprir compromisso social ou profissional? Narrar histórias? Dar um aviso? Transmitir um recado? Relatar uma pesquisa? Escrever uma carta, um bilhete? Outros.
- **Onde?** Numa folha de papel? Num impresso oficial? Num caderno? No computador? Outros.
- **Como?** Em que nível de linguagem (variante culta, dialetal)? Em que grau de registro: formal (estilo “policiado”), informal (coloquial, íntimo, familiar)?

Definidas essas condições, o escritor poderá iniciar a sua produção. Porém, é necessário que ele também conheça as características do tipo de texto que vai produzir, por exemplo:

- 1 Textos de uma categoria muito importante e bastante usada, a **correspondência**:

AS CHAMADAS OFICIAIS

Englobam a produção de leis, pareceres, decretos, portarias, circulares, alvarás, regimentos, convênios, ofícios, requerimentos e outros documentos exigidos pela burocracia administrativa (muitos deles são usados em sua escola e têm impressos próprios, com lacunas a serem preenchidas). Na redação oficial, você encontra, ainda, avisos, cartas, relatórios e comunicações que exigem um grau de formalidade mais acentuado.

AS CHAMADAS PESSOAIS

São um tipo de correspondência que não possui formas pré-definidas, pois possibilitam uma liberdade de criação muito grande. Pela correspondência pessoal, você pode ser você mesmo, pode mostrar-se, alargar seu círculo de convivência, participar de experiências comuns, criar laços afetivos importantes. O bilhete, a carta, o cartão e o telegrama são exemplos de correspondência pessoal muito usados.

O BILHETE

É um texto simples que, às vezes, apresenta apenas uma frase que transmite uma pergunta, um recado, uma informação, um aviso, um alerta ou, até mesmo, uma mensagem afetiva.

O CARTÃO

É um bilhete mais cuidado, talvez mais delicado. O próprio tipo de papel usado, às vezes com imagens, revela isso. Frequentemente, acompanha um presente ou é enviado durante viagens.

O TELEGRAMA

É usado, sobretudo, em situações de urgência. Caracteriza-se pela economia de expressão, pois é o número de palavras que define o preço a ser pago por seu envio. Nele, portanto, são omitidos termos que podem ser subentendidos. Assim, os artigos (o, a, os, as, um, uma), preposições (como, de, com, para), conjunções (como, se, e, que) deixam de aparecer, a não ser em casos em que o sentido exige a sua presença. A pontuação também é frequentemente omitida. Não é delicado omitir palavras num telegrama a autoridades, ou a pessoas cuja importância queremos destacar.

A CARTA

É uma correspondência ainda muito usada, apesar da existência do telefone, dos recursos da internet e de outros mecanismos mais rápidos de comunicação a distância. A escrita de uma carta, apesar de, na maioria dos casos, permitir a informalidade, exige o respeito a alguns pontos, tais como:

- O cabeçalho: onde deve ser colocado o local de onde está sendo remetida, acompanhado da data e, logo abaixo, a saudação (cumprimento) ao destinatário.
- O corpo da carta, onde o remetente cumpre o objetivo da mensagem, ou seja, discorre sobre o assunto que justifica o envio desse tipo de correspondência.
- Finalmente, a despedida do remetente, que finaliza o texto.

O CONVITE

É outra forma de comunicação usada para solicitar a presença de pessoas amigas ou interessadas em determinado evento a ser realizado, que pode ser: uma festa junina, de aniversário, comemorativa de um casamento, reuniões, palestras, encontros, promoções, feiras, exposições etc.

Para outros textos, tais como narrativos, informativos, literários, poéticos e de comunicação mista, você encontrará orientações a seguir.

Sugestões de atividades de produção de textos

1 CORRESPONDÊNCIA (*realidade*):

- participar de atividades desenvolvidas no “correio da classe”;
- ler bilhetes, convites ou cartas recebidas;
- trocar bilhetes entre colegas;
- redigir convites para ocasiões próprias, programadas na classe;
- escrever cartas, de próprio punho ou ditadas pelo professor, em ocasiões especiais;
- trocar cartas, cartões ou bilhetes com colegas de outras classes e até de outras escolas;
- promover ocasiões que estimulem a produção desses textos; o mais importante é que o texto produzido deve ser enviado. Você escreve porque precisa dizer ou perguntar algo a alguém, que é o destinatário que vai receber a sua mensagem real, verdadeira.

2 IMAGINAÇÃO (*criatividade*):

O trabalho com produção de textos orais e escritos, associado à brincadeira, à arte, ao jogo, de maneira lúdica e interessante, faz voltar a alegria e o prazer ao ato de produzir com liberdade e espontaneidade.

Mãos à obra! Dê asas à imaginação de seus alunos!

Pense e imagine

a) *Imagine que você tem asas.*

1º momento (individual): as crianças deverão procurar relaxar e ficar de olhos fechados enquanto o professor coloca uma música suave. Com voz suave e pausada, ele vai dirigindo a atividade: Imagine que você tem asas. Como são suas asas? O que você deve fazer para voar?

Você, agora, vai voar. O que você sente quando está voando? Aonde você vai?

Você está voando. O que você está vendo?

De repente, uma de suas asas bate em um galho de árvore, quebra-se. O que acontece?

2º momento (coletivo): alguns alunos contam para a turma o que imaginaram.

3º momento (individual): os alunos vão escrever o que imaginaram.

b) *Imagine um animal diferente.*

Como ele é? Qual é o seu tamanho? Qual é a sua cor? Ele tem rabo? Ele emite sons? Onde ele vive? De que se alimenta? Qual a sua utilidade?

Vamos desenhá-lo.

Escreva como é seu animal diferente.

c) *Imagine que você encontra uma varinha.*

De repente, você descobre que essa varinha é mágica. Como você descobre isso? O que você vai fazer com essa varinha mágica?

d) *Imagine que você tem um jardim. (Como incentivo, o professor pode ler para os alunos o poema de Cecília Meireles, “Leilão de Jardim”.)*

Mas, o seu jardim é um jardim diferente. Qual é seu tamanho? Há canteiros? Quais as formas dos canteiros? Há árvores ou só plantas rasteiras? Há flores? Como são elas? Há moradores em seu jardim? Quais são eles? O que fazem? Como eles vivem em seu jardim? É um jardim alegre ou triste? O que você faz no seu jardim?

Desenhe o seu jardim. Descreva-o, agora, com palavras.

e) *Imagine que você ficou invisível.*

Por que você ficou invisível? Como você descobriu que estava invisível? Sendo invisível, o que você gostaria de fazer?

De repente, o que aconteceu? Pense e escreva ou use outro código.

f) *Imagine que o mundo muda de cor.*

Tudo está diferente. Tudo muda. Como são as pessoas? E as árvores?

Olhe que flores esquisitas. Olhe a terra. De que cor ela é? Olhe a água. Como é?

Olhe as casas. É bom viver nesse mundo? Vamos desenhar esse mundo. Vamos descrevê-lo.

g) *Imagine que você encontra um extraterrestre.*

Como é ele? Ele se comunica com você? Como? O que ele faz? O que acontece depois?

Imagine que você é pego e colocado numa nave espacial, que logo se desloca em direção ao espaço. Como é a nave por dentro? Quem mais está dentro da nave?

De repente, a nave para. Aonde você chega? O que acontece

3 OUTRAS POSSIBILIDADES

• OBTER MODELOS LITERÁRIOS ATRAVÉS DO DITADO

É uma prática muito interessante, que apresenta modelos literários por meio de um ditado moderno. Como? 1º – Escolha um trecho de uma obra literária ou um poema.

2º – Leia esse texto para os alunos.

3º – Combine o seguinte: a) vou ler frases ou expressões para vocês escreverem; b) ouçam com atenção e procurem guardar o trecho lido; c) quando eu terminar a leitura, vocês escrevem o que ouviram e eu vou esperar vocês acabarem; d) fiquem em silêncio e não perguntem nada, mesmo que percam alguma coisa; e) cada um que terminar levanta o lápis; f) escreverei no quadro o que ditar e quem precisar de ajuda, pode copiar. Quando acabar o ditado, o professor lê todo o ditado e pode comentar o texto se ele e os alunos quiserem. Obs.: enquanto dita, o professor observa seus alunos e os lápis levantados, detecta os mais lentos e guia-se por eles para continuar o ditado. É um jogo muito interessante porque o aluno não erra (principal preocupação do professor porque o aluno não fará um treino ortográfico errado, fixando o erro, mas sempre escreverá ou copiará certo; com o tempo, automatizará a forma adequada). Como os textos estarão sempre certos, o professor garante que seus alunos formem uma espécie de antologia de beleza que fornecerá modelos desejáveis às redações. Também poderão ser citados, sempre indicando a fonte.

- *Construir texto coletivo*
- *Reproduzir histórias em dupla*

Histórias e colagens

Material: revistas velhas, tesoura, cola.

1º momento (individual): as crianças recortam gravuras de revistas, à escolha de cada uma.

2º momento (coletivo): o professor prepara um painel de pelo menos dois metros. As crianças vão colando o que recortaram no painel, uma criança de cada vez. A partir da primeira gravura que foi colocada, as outras vão completando, lógica ou criativamente, o painel até que ele fique pronto, com a participação de todos os alunos da sala.

3º momento (coletivo): conversa sobre o painel.

4º momento (em dupla): as crianças inventam histórias sobre o que está no painel.

5º momento (coletivo): socialização do que foi descrito. Cada dupla apresenta, para toda a classe, o que foi produzido.

- **ALTERAR FATOS DE HISTÓRIAS E TROCAR PERSONAGENS**

Recorte, cole e reorganize

1º momento (em grupo): o professor organizará um texto com os parágrafos fora de ordem, distribuindo-o para cada grupo.

2º momento (em grupo): as crianças farão leitura, a meia-voz, do texto apresentando, recortando a seguir os parágrafos e reorganizando-os, colando em outra folha de papel.

3º momento (de socialização): cada grupo apresentará o seu texto para a turma.

- Fazer a mesma coisa com um texto apresentando na ordem certa, distribuindo-o para cada grupo.
- As crianças leem o texto, modificam os fatos e trocam os personagens.
- No momento de socialização, cada grupo apresenta a recriação dos textos.

- **CRIAR, COLETIVAMENTE, UMA HISTÓRIA COM PALAVRAS RECORTADAS DE JORNAIS E/OU REVISTAS. COMPOR, UTILIZANDO JOGO DE PALAVRAS, E APRESENTAR VÁRIAS VERSÕES DE UMA MESMA HISTÓRIA.**

Gravuras e/ou palavras

1º momento (individual): o professor levará para a sala uma caixa com muitas gravuras e palavras. Passará em cada carteira pedindo a cada aluno que retire da caixa duas gravuras ou duas palavras ou uma gravura e uma palavra.

2º momento (em grupos de 4): cada grupo deverá observar as gravuras e palavras retiradas da caixinha e criará uma história ou várias histórias com o mesmo material.

3º momento (de socialização): apresentação das gravuras, palavras e dos textos produzidos para toda a turma.

- **PRODUZIR TEXTOS MOTIVADOS PELA NECESSIDADE DE EXPRESSAR SENTIMENTOS E EMOÇÕES, NUMA SITUAÇÃO REAL. EXPRESSAR-SE INDEPENDENTEMENTE DE AVALIAÇÃO, CRÍTICA E CENSURA.**

Preparação – 1º momento

- Prepare um ambiente estimulante para a atividade.
- Lance um desafio à classe, perguntando: Que fariam vocês se encontrassem algum animal em dificuldade? Um passarinho ferido, uma borboleta com a asa dilacerada, um beija-flor enfraquecido, um cachorrinho machucado etc. (pausa para que as crianças decidam a escolha).

- Promova a seleção de ideias e a sua organização lógica através de perguntas: Onde encontrariam esse animal?
- Pensem em frases ou expressões que vocês poderiam usar para descrever esse lugar: Como esse animal estaria se sentindo? Enfraquecido, triste, preocupado, aflito? Por que ele estaria assim? Que fariam vocês com ele? Como cuidariam dele? Quanto tempo vocês levariam para esses cuidados?
- Pensem em ideias que poderão usar para descrever a passagem desse tempo. Como o animal mostraria a vocês sua melhora? Que aconteceria um dia?
- Pensem em ideias para descrever esse momento: como estava esse dia, qual foi a surpresa, o que sentiram, o que o animal sentiu etc. Como tudo terminou?

Execução – 2º momento:

- Anime as crianças a escrever (poderão fazê-lo em dupla).
- Faça as recomendações habituais sobre a seleção e a organização das ideias, o uso de recursos para enriquecê-las, os cuidados quanto à apresentação do trabalho etc.
- Assista aos alunos, bem de perto, observando-os e só interferindo quando solicitado.

• COMPOR QUADRINHAS

Este objetivo somente será alcançado por meio do envolvimento dos alunos com poemas de qualidade e em quantidade. Também é bom explicar o que é redondilha menor (nome do verso de cinco sílabas) e redondilha maior. Para identificá-los, faça assim: apoie as mãos sobre a mesa ou coxas, com as palmas para baixo. Comece pelo dedo mínimo esquerdo, dedilhando e falando alto as sílabas até a penúltima sílaba tônica ou a última, quando a palavra é oxítona; as sílabas átonas se agrupam: ba-ta-tin-ha -quan-do-nas // ses-pa-rra-ma-pe-lo -chão // ma-mãe-zin-ha -quan-do dor // põe - a - mão - no - co - ra - ção (7 sílabas, redondilha maior); começa no dedo mínimo esquerdo e termina no indicador direito. Essa atividade também é interessante para se descobrir o número de versos dos poemas que leem ou encontram em livros e para identificar a liberdade poética de mudar a acentuação ou o número de sílabas de um verso.

- RESPEITAR A NARRATIVA DE CADA PARTICIPANTE NA PRODUÇÃO COLETIVA. CONTRIBUIR COM IDEIAS E SUGESTÕES. AVALIAR A PRODUÇÃO EM GRUPO. CONSTRUIR COLETIVAMENTE.

1º momento (em grupos): o professor levará para a sala de aula cartazes velhos de propagandas, jornais velhos, revistas velhas etc. e distribuirá esse material (colorido) aos grupos, que deverão estar com as carteiras juntas, sem nada sobre as mesas. Cada grupo deverá rasgar o que recebeu.

2º momento (em grupos): logo depois, o professor pedirá “com os pedaços de papel que você tem, crie, sem usar cola ou tesoura, uma árvore, a mais bonita que já viu; outro, um sítio; outro, a casa dos seus sonhos etc.” As crianças comentam o que criaram, como é, onde é. Logo depois, produzem um texto sobre o que fizeram.

3º momento (de socialização): cada grupo apresenta para a turma o trabalho desenvolvido (se o grupo quiser, pode fazer a colagem e expor).

- **RECRIAR TEXTOS LITERÁRIOS**

A recriação de textos literários é outro recurso de grande importância para o progresso do aluno na produção de textos.

Como trabalhar a recriação do texto?

- 1 Selecionar um texto de qualidade, dentro do interesse dos alunos.
- 2 Trabalhar esse texto numa aula de leitura (consulte, neste guia curricular, o trabalho com a leitura informativa).
- 3 Fazer novo comentário, visando agora à produção de texto. Fazer perguntas mais ou menos assim:
 - Qual foi a ideia que o autor do texto teve para escrevê-lo?
 - Quais foram as outras ideias que ele buscou para desenvolver a ideia principal?
 - Como o autor organizou e relacionou essas ideias: no início, no meio e no fim?
 - Quais recursos o autor usou para que o texto ficasse bonito, agradável e gostoso de ler?
- 4 Estimule a produção de outro texto pela classe, que poderá ser feito individualmente, em dupla ou em grupos. Sugira que pensem como o autor do texto lido:
 - que busquem uma ideia diferente;
 - que procurem outras ideias para desenvolver a principal;
 - que pensem como organizar essas ideias numa sequência lógica;
 - que usem de recursos para que o texto fique interessante, agradável e sugestivo.
- 5 Assista aos alunos de perto, auxiliando-os quando necessário.

- **REORGANIZAÇÃO DE TEXTOS**

Exemplo:

As informações abaixo, sobre a mandioca, estão desordenadas. Leia-as.

- O nome científico da mandioca é *Manihot* utilíssima.
- Um pé de mandioca atinge mais de dois metros de altura.
- A mandioca é uma planta de folhas grandes, palmatilobadas, esbranquiçadas na face anterior.

- As flores da mandioca são pequenas, amarelas, em cachos terminando em frutos pequenos, com sementes pretas e marmorizadas.
- A mandioca é um arbusto herbáceo, da família das Euforbiáceas, originário da América do Sul.
- A mandioca é muito disseminada pelos países tropicais e subtropicais.
- Com a fécula (pó extraído das raízes) ou polvilho, preparam-se diversos pratos típicos, como bijus, tapioca, biscoitos de goma, pães de queijo.
- As raízes da mandioca são tubérculos cilíndricos, alongados, carnosos, com casca pardacenta e massa branca.
- Conforme a região do Brasil, a mandioca é chamada de aipim ou macaxeira.
- Os brotos novos são comestíveis.
- Com os brotos novos, prepara-se, na Bahia, a maniçoba.
- A maniçoba é um prato regional muito apreciado.

a) Numere as informações acima.

b) Agrupe as ideias relacionadas entre si, marcando cada grupo com uma cor diferente, ou com uma mesma letra para o mesmo grupo.

c) Ordene e transcreva abaixo os grupos, pensando no plano que acha adequado para o assunto.

Introdução: *(deixar 5 linhas)*

Desenvolvimento: *(deixar 5 linhas)*

Conclusão: *(deixar 5 linhas)*

d) Cuide da coerência do texto, observando a organização lógica das frases e delas entre si. Cuide da coesão textual, observando os elementos de ligação. Como exemplo, as três últimas frases: “Como os brotos da macaxeira são comestíveis, na Bahia, prepara-se um prato regional muito apreciado: a maniçoba”. Os alunos podem e devem elaborar outras frases diferentes sem copiar este modelo ou exemplo.

e) Escolha um título adequado ao texto. Deve: antecipar, sintetizar ou resumir o texto.

COMPLETAR UM TEXTO (para o qual se deu ou o princípio, o meio ou o final)

CONTINUAR FRASES. A. Formar grupos. B. Para cada grupo, escrever uma frase num papel e entregar. Os alunos devem continuar, em ordem, da direita para a esquerda, ou ao contrário, cada um escrevendo sua frase e passando para o colega. Claro que coesão e coerência devem ser obedecidas. C. Ao final, fazer um painel de apresentação.

CENTRO DE INTERESSES

Preparação – 1º momento:

- Escolher, com os alunos, um assunto de interesse da classe (passeios, viagens, um animal de estimação, uma festa, um aniversário, uma colheita, uma sementeira, uma pescaria etc.).
- Selecionar materiais relacionados ao tema escolhido (gravuras, histórias, textos, artigos de jornais ou revistas, poemas, músicas, filmes, slides, vídeos e outros).
- Trabalhar, no primeiro dia: as gravuras selecionadas:
 - fazer, com os alunos, a leitura de cada gravura;
 - prender essas gravuras em murais, paredes ou quadros.

Exemplo: se o tema escolhido tiver sido “Um passeio”, prender, primeiramente, as gravuras que sugerem preparação para um passeio. Em seguida, outro grupo de gravuras que mostre um passeio em realização: a estrada, o transporte, as paradas, a paisagem etc. Depois, gravuras ou fotos de lugares onde se passeia: cachoeiras, campo, praia, montanha, jardim zoológico, parque etc. e fatos acontecidos no passeio.

- Se houver fotografias, slides ou filmes, podem ser apresentados, vistos e comentados em outro dia.
- Trabalhar, em dias posteriores, vários textos, de tipos diferentes, relacionados ao tema. Fazer leitura, interpretação e comentários desses textos.
- Apresentar poemas e/ou músicas também relacionadas.
- Realizar trabalhos artísticos relacionados ao tema: pintura, colagem, modelagem, dobraduras (origami), tecelagem, cerâmica etc.

Essa fase de preparação não deve ultrapassar uma semana, pois pode ocorrer desinteresse e/ou cansaço dos alunos.

Execução – 2º momento:

Quando os alunos se sentem altamente motivados, tendo adquirido experiências, conceitos, vocabulário e riqueza de ideias, há uma necessidade imperiosa de produzir o texto. Se não o fizerem, sentir-se-ão frustrados.

Para escrever, poderão recorrer aos murais para definir o local de seu passeio; consultar textos, poemas, rever fotografias ou outros materiais trabalhados que julgarem necessários.

Essa produção poderá ser individual, em dupla ou em pequenos grupos.

O professor acompanhará os alunos de perto, discretamente, só interferindo quando necessário ou solicitado.

Avaliação – 3º momento:

É fundamental para o progresso dos seus alunos.

O professor deve:

- ler, longe da presença dos alunos, todas as redações, para ter uma ideia do desempenho geral da classe;
- ler novamente cada produção, identificando e anotando as dificuldades demonstradas pelos alunos em relação a:
 - apresentação do trabalho;
 - organização e sequência lógica das ideias;
 - estruturação das frases (sintaxe: concordância, regência, uso de pronomes etc.);
 - vocabulário: riqueza, adequação, propriedade etc.;
 - uso de parágrafos;
 - pontuação;
 - ortografia.

Resumindo: apresentação, coerência e coesão:

- relacionar as dificuldades encontradas, para usá-las em aulas específicas de conhecimentos linguísticos, adequados ao nível de desenvolvimento dos alunos;
- colocar, em cada texto produzido, observações positivas, mesmo que ele apresente dificuldades (obs.: não riscar os textos dos alunos);
- fazer, para a classe, uma apresentação das produções, fazendo um comentário, até mesmo limpeza, forma das letras, um desenho;
- devolver os textos e chamar individualmente aquelas crianças que apresentarem dificuldades, dando-lhes oportunidade de reescrever o texto, se quiserem.

Obs.: o aluno sente necessidade de uma resposta para o seu trabalho. Mesmo em casos de muita dificuldade, as observações nunca devem inibir o aluno, mas sempre incentivá-lo a superar suas limitações e a produzir cada vez mais e melhor.

A avaliação das produções deve ter como referência o próprio aluno (sua evolução no processo) e não os alunos entre si.

Avaliação em produção de textos

Recomendações

Enquanto os alunos registram seu texto, passar entre as carteiras, observando ou lendo, silenciosa e rapidamente, alguns trechos dessa produção.

Ler em voz alta, para a classe, todos os textos, alguns integralmente, se representarem um modelo, um exemplo desejável; ou só um parágrafo, um aspecto, uma palavra a destacar.

Ler, de acordo com o padrão culto, dentro da pontuação e da entonação devidas; com a sintaxe apropriada.

A cada leitura, fazer uma observação, destacando algum aspecto relevante do texto:

- título escolhido;
- vocabulário, uma expressão, até mesmo uma palavra bem colocada ou interessante ou diferente;
- aspectos novos e criativos de construção de frases ou de emprego de vocabulário;
- aspectos semânticos e estilísticos;
- construções desejáveis;
- coesão;
- coerência;
- modificação de clichês;
- ortografia;
- letra (escrita);
- apresentação (limpeza, margens, disposição do texto);
- um diálogo;
- um fecho, um final interessante, pertinente, curioso;
- uma passagem poética, anedótica, engraçada, alegre, triste;
- bom uso de pronomes, adjetivos e advérbios;
- invenção de situações, de novos contextos;
- intertextualidade;
- descrição de lugares e personagens;
- caracterização de situações e personagens;
- adequação da fala de personagens à situação, à época, ao tipo, ao lugar, à idade (variações dialetais e de registro).

Enfim, em qualquer texto produzido, o professor pode e deve encontrar alguma coisa positiva, apresentável. O aluno tinha algo a dizer, organizou e registrou sua mensagem e precisa de uma reação, uma resposta do interlocutor, recebedor ou destinatário. Qualquer comentário é importante e, por isso mesmo, não deve ser gratuito ou forçado, porque vai funcionar como reforço e fixação da aprendizagem, além de sugerir modelos e possibilidades aos colegas. Esse comentário ou apreciação é importantíssimo e todo aluno deve ser contemplado com uma observação, nem que seja: “Fulano, que letra bonita, que limpeza!”, “Sicrano, o que aconteceu com você? Não gostou do tema? Você tem outra sugestão?” Esse tipo de comportamento favorecerá o desenvolvimento do aluno na produção de textos.

Anotar – para seu uso, professor – os problemas, defeitos ou desvios gramaticais ou linguísticos que aparecerem nas redações (avaliação analítica), já que a produção de texto, como atividade de síntese que é, revela, claramente, como numa foto ou radiografia, a competência e o desempenho dos alunos. Esses problemas não se resolvem falando sobre eles, riscando no texto, mandando passar a limpo, apontando, criticando. Se, por exemplo, os alunos ou muitos deles estão paragrafando inadequadamente, ensinar a fazê-lo em aulas específicas de leitura de textos, divisão dos mesmos em parágrafos, titulação de parágrafos, busca do porquê da paragrafação e outras atividades relacionadas. A ortografia vai mal? Não adianta castigar e mandar escrever tais palavras tantas vezes, porque, na próxima vez, as mesmas palavras serão escritas do mesmo jeito. Usá-las, então, professor, em outros textos, exercícios interessantes, jogos, indução ou descoberta de regras; uso do dicionário etc. Pense na foto: se você tirou um retrato de cabelos pretos, longos e lisos, uma semana depois, estarão do mesmo jeito, a não ser que você os corte, pinte de outra cor e os encaracole.

Os textos produzidos e apreciados não precisam ser devolvidos ao aluno. Se isso ocorrer, não devem apresentar anotações de erros; apenas um comentário positivo. A avaliação é formativa e não para notas ou créditos. Esse tipo de avaliação, recentemente, está sendo chamada de avaliação holística.

A produção de textos e a correspondente apreciação devem ser constantes.

As produções de qualidade podem ser expostas. Podem, ainda, ser reproduzidas, identificadas com o nome do autor e usadas para estudo de texto, ditados ou outras atividades, selecionadas pelos alunos para compor um livro da classe ou jornal.

Segundo Freinet, os alunos podem escrever espontaneamente um texto, onde, como e quando quiserem. Em outro dia, se quiserem, poderão ler o seu texto para a classe e/ou submetê-lo à apreciação dos colegas e do professor, chegando até a sua reestruturação.

Se, por motivos burocráticos, for necessária uma nota bimestral quantitativa, o professor pode organizar seu modelo de avaliação, de acordo com sua classe e os conteúdos ministrados:

- escolher os tópicos a serem verificados (exemplo descontextualizado: apresentação, pontuação, ortografia, vocabulário, coesão e coerência);
- definir, para cada tópico, os itens a considerar;

- atribuir, a cada um, uma notação matemática de acordo com tais ou quais critérios, lembrando-se de que tópicos diferentes têm pesos diferentes em um texto produzido; o mesmo erro só é penalizado uma vez: o aluno que escreveu Xanice, provavelmente escreverá xanela, xabuticaba...;
- fazer uma tabela de pontos;
- aplicar o modelo de avaliação construído (você pode adaptar, mas não copiar).

Você, professor, pode também construir gráficos, listando na vertical os itens a avaliar e, na horizontal, a quantificação ou a frequência conceitual, tipo: sempre, nunca, às vezes, frequentemente, pouco, bastante, muito e outras possibilidades.

EXEMPLO 1:

Marcar com **X** ou colorir do **0** ao número da avaliação, formando um gráfico de barras.

AVALIAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO				
	PONTUAÇÃO	ORTOGRAFIA	VOCABULÁRIO	COESÃO	COERÊNCIA
5- ÓTIMO					
4- MUITO BOM					
3- ACEITÁVEL					
2- FRACO					
1- MUITO FRACO					
0- INACEITÁVEL					

EXEMPLO 2:

Você pode, também, usar os objetivos do programa ou outros tópicos na forma interrogativa e atribuir pontos ou conceitos:

	SIM	ÀS VEZES	NÃO
1 O aluno organizou corretamente seu texto?	X		
2 Atingiu o fim a que se propôs?	X		
3 O vocabulário empregado foi adequado?		X	
4 Outros			X
TOTAL	(2)	(1)	(1)

Conhecimentos linguísticos

À medida que a criança vai progredindo em seu desempenho linguístico e vai distinguindo aspectos da língua oral e escrita, ela começa a adquirir conhecimentos necessários e indispensáveis ao domínio da língua.

De um comportamento linguístico espontâneo, automático e rápido, ela passa, paulatinamente, para um comportamento mais controlado, intencional e deliberado. Ela começa a pensar sobre a língua, principalmente quando o seu registro é pela escrita.

Essa possibilidade, no entanto, somente se realiza através da escola.

Os objetivos previstos para o seu desenvolvimento buscam, através de atividades concretas de produção de textos, a sistematização dos desempenhos linguísticos já adquiridos pelo uso, em experiências anteriores com a língua.

A gramática está subjacente a todo registro linguístico. Quando a criança usa a língua, ela revela um conhecimento gramatical implícito que vai lhe permitir organizar a sua mensagem de acordo com as normas específicas dessa língua, no caso, a portuguesa. Porém, o trabalho com a gramática não pode ser desenvolvido pela exposição do conhecimento gramatical, mas, sim, pelo uso, pela experiência linguística.

O professor deverá criar condições, oportunidades de interação linguística, as mais diversas, para promover a aprendizagem da língua pelo uso. À medida que o aluno automatiza o emprego gramatical, adequado ao padrão culto, esse conhecimento será sistematizado por meio de exercícios de fixação, jogos, brincadeiras e outros recursos. A principal intenção deverá ser a de avaliação formativa.

A avaliação em conhecimentos linguísticos deveria ser uma avaliação em processo sem nenhum exercício específico ou final.

— Por quê?

Porque os conhecimentos linguísticos, ou seja, a consciência e o domínio dos fatos linguísticos e de seus arranjos ou combinações fonéticas, morfossintáticas, semânticas, estilísticas, dialetais e de registro, peculiares a cada língua, aparecem subsidiando, sustentando, organizando com coesão os aspectos de coerência pertinentes à língua oral e escrita.

Conhecimentos linguísticos são instrumentos fundamentais, necessários ao funcionamento da língua. Inicialmente, são aprendidos pela inserção em um ambiente linguístico, basicamente um mergulho, um banho de linguagem no qual os falantes falam entre si e falam com ou para o bebê que, aos poucos, vai percebendo, interiorizando, elaborando, assimilando e representando coisas, palavras, situações, expressões, intenções etc. Torna-se assim um ouvinte/falante, possuidor de uma gramática implícita que lhe permitirá escolher e usar as palavras de seu repertório, combinadas conforme as normas de sua língua materna, de acordo com suas necessidades comunicativas.

No Ensino Fundamental, o aluno continuará praticando a gramática de uso, sem se preocupar (muito menos, o professor) com nomenclatura, exercícios, treinos e avaliação formal. Usará os acordos linguísticos, adequando-os ao momento, à situação, às pessoas

envolvidas, aos objetivos do ouvinte-falante-leitor-escritor, e às funções da linguagem e modalidades ou níveis de língua.

No Ensino Médio, ele refletirá sobre o que já sabe e usa, organizando formalmente esse conteúdo pela gramática reflexiva ou normativa.

Como qualquer ato de fala, revela conhecimentos linguísticos pertinentes, cuja importância é funcional; não se justifica, pois, uma avaliação específica, exceto no Ensino Médio e no Superior.

Os conhecimentos linguísticos utilizados pelos alunos são percebidos pelo professor, que, ao identificá-los, programa atividades necessárias ao seu uso adequado, sem se prender a avaliações voltadas para conotações cerceadoras de certo e errado.

Em alguns casos especiais de escolas das últimas séries do Ensino Fundamental que exigem a nomenclatura, ela pode ser dada, lembrando-se sempre de que ela é apenas um rótulo a ser colado ao conteúdo usado, familiar, compreendido.

Porém, como ainda várias organizações exigem das crianças um conhecimento formal, cabe ao professor contextualizar sempre e procurar tornar suas aulas interessantes e agradáveis, como, por exemplo, nessas sugestões de atividades:

ACENTUAR PALAVRAS PROPAROXÍTONAS: Para dominar a acentuação de palavras, o aluno precisa dominar dois pré-requisitos fundamentais:

1 a divisão de palavras em sílabas;

oxítona: última sílaba (café)

paroxítona: penúltima sílaba (campo, cidade)

proparoxítona: antepenúltima sílaba (árvore, sílaba)

Um recurso que pode ser usado para identificar a sílaba tônica é chamar a palavra, assim como a criança chama as pessoas amigas. A sílaba em que se demora mais é a tônica.

Como descobrir a regra das proparoxítonas?

1 Procuram nos textos as palavras proparoxítonas.

2 Observam as palavras selecionadas e verificam que todas são acentuadas, logo...

Outra regra para pesquisa:

1 Pedir para fazer uma lista com o maior número de palavras começadas por Ç.

2 Como a lista terá 0 palavras, a conclusão ou regra é que, em português, não existem palavras começadas por Ç. (Divertida essa gramática, não é mesmo?)

FORMAR PALAVRAS NOVAS A PARTIR DE OUTRA

O conhecimento de prefixos e sufixos e o seu domínio podem ser trabalhados assim:

- 1 identificar nos textos palavras que têm prefixos ou sufixos;
- 2 buscar o seu significado (usar dicionário ou glossário);
- 3 observar o significado das palavras que têm o mesmo prefixo ou sufixo;
- 4 comparar os significados tendo em vista os casos semelhantes.

Prefixos 1 # **infeliz** # **descontente** # **incapaz**
 # **desconhecido** # **inseguro** # **desapareceu**

Chamar a atenção para a negação, quando se usa in e des. Relacionar com o conhecimento já adquirido de antônimos.

2 # **repensar** = tornar a pensar **repuxar** = tornar a puxar
 # **reler** = tornar a ler **reabrir** = tornar a abrir

Sufixos 1 **Cheiroso** = cheio de cheiro **gostoso** = cheio de gosto
 Amoroso = cheio de amor **feioso** = cheio de feira ou muito feio

2 # **menininho** # **macacão** # **cãozinho** # **coelhão**
 # **pezinho** # **sacolão** # **copinho** # **panelão**

Ler e escrever, falar e escutar contextualizados e avaliados

O conteúdo deste caderno é de grande importância na medida em que focaliza a competência linguística dos usuários da língua.

O homem se utiliza de linguagens para se comunicar no agir e interagir, vivenciadas cotidianamente. Por esse motivo, ao usá-las, deve ser capaz de organizá-las adequadamente visando a uma comunicação efetiva. Isso depende de normas estabelecidas de acordo com uma lógica própria que lhes confere clareza, precisão, objetividade, ligando-se realmente ao destinatário, sem obstáculos intervenientes.

Dentre as linguagens usadas pelo homem, a verbal é a mais importante, até porque é ela que o caracteriza e o distingue de outros seres vivos. O homem é homem porque fala e diz o que pensa e quer, constrói seus sonhos e os realiza.

A escola é responsável pelo refinamento de suas comunicações, apoiando-os no desenvolvimento de uma competência linguística atualizada em suas realizações e atos de fala. Esses resultados serão tanto mais eficientes e eficazes quanto mais referenciados a uma dada função, a uma situação comunicativa, considerando-se as intenções do emissor, seu estilo próprio, suas peculiaridades e repertório (palavras que entende, escolhe e usa),

veiculados por um canal adequado que ligue, envolva e interaja com os mesmos aspectos do receptor por meio de uma mensagem convenientemente tratada.

É esse tratamento (organização e elaboração da mensagem) que forma a gramática de uma língua, isto é, os meios e modos de falar e escrever adequadamente e que fazem parte deste caderno, incluindo atividades de reflexão sobre a língua, iluminadas por determinados parâmetros esclarecedores convencionados pelos falantes.

Cabe ao professor facilitar seu aluno na construção dessa competência, quer desafiando-o com obstáculos transponíveis, portadores de vitórias, quer sugerindo-lhe a descoberta de estratégias e caminhos novos e proveitosos no seu percurso diário; quer incentivando-o a continuar e a realizar outras descobertas. É importante conscientizar-se de que mudou o conceito de erro ligado a fracasso, punição, castigo. O que vale em linguagem são os acertos, os sucessos, quer dizer, a adequação, a contextualização. Claro que num percurso de aprendizagem, podem ocorrer insucessos. Deverão ser encarados construtivamente, para servirem de base, de ponto de partida para o sucesso, a adequação, o acerto.

Mais importante que localizar, descobrir erros dos alunos, é trabalhar juntos na identificação dos porquês, do como se chegou àquele resultado e o que pode ser feito para invertê-lo.

Referências bibliográficas

BRASIL. MEC. SEI. *Alfabetização. Parâmetros em Ação*. Brasília, 1999.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Língua Portuguesa*. Brasília, 1997.

_____. *Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental*. Parâmetros em Ação. Brasília, 1999.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

COSTA VAL, M. da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CUNHA, Maria Antonieta A. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1993.

FRAGO, Antônio Vinão. *Alfabetização na sociedade e na história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GONDIM, M. M. R., IAS, S. A. P. W. D., SANTOS, M. H. A. *Guia curricular de Português. Ensino Fundamental*, Minas Gerais: SEE – Pró-qualidade, 1997.

GONDIM, M. M. R. e DIAS, S. A. P. W. D. *Do domínio ao convívio da língua materna. Língua Portuguesa no Ensino Fundamental*. Espírito Santo: Secretaria de Estado da Educação, 1999.

_____. *Português, 1, 2, 3, 4. Programa Escola Ativa*. MEC. Brasília, 1998.

GREGOIRE, Jacques et al. *Avaliando as aprendizagens – os aportes da psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*. São Paulo: Summus, 1993.

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto. Curso prático de leitura e redação*. São Paulo: Scipione, 1998.

KAUFMAN, Ana Maria. *A leitura, a escrita e a escola, uma experiência construtiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: São Paulo, 1999.

MEC-SECAD. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília, 2006.

MEC-SECAD. *Diferencial Curricular Nacional para as escolas indígenas*. Brasília, 2005.

MOLL, Luis C. *Vygostky e a educação – Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade. O currículo integrado*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. *Letramento – um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

E mais:

- Dicionário da Língua Portuguesa
- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (enviados pelo MEC)

Ministério da Educação

